



SÉRIE III Nº 39 - Junho de 2020

1720
ACADEMIA
REAL
DA
HISTÓRIA



2020
ACADEMIA
PORTUGUESA
DA
HISTÓRIA

**300 ANOS DA ACADEMIA PORTUGUESA
DA HISTÓRIA**

Museus Centenários de Portugal

Vol.2



PVP 42€
inclui 6.36€
em selos

No segundo volume do livro **Museus Centenários de Portugal**, a autora Cristina Cordeiro volta a conduzir-nos numa visita a 12 museus nacionais que abrem portas entre 1905 e 1918. Esta edição bilingue, com tiragem limitada a 4000 exemplares numerados, contém a emissão homónima, composta por 12 selos.

ctt.pt

Linha CTT 707 26 26 26

Dias úteis e sábados das 8h às 22h

 Filatelia CTT  CTT - Correios de Portugal



FILATELIA LUSITANA

SÉRIE III
NÚMERO 39
JUNHO DE 2020

EDITOR E PROPRIETÁRIO

Federação Portuguesa
de Filatelia-APD

DIRECTOR

Pedro Marçal Vaz Pereira

COLABORADORES NESTE NÚMERO

Luís Santos
João Violante
Pedro Marçal Vaz Pereira

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO e PUBLICIDADE

Rua Cidade de Cardiff, n.º 36 B
1170-095 LISBOA
Telef. 21 812 55 08

E-mail: fpf-portugal@netcabo.pt
Website: www.fpfilatelia.wordpress.com

FOTOCOMPOSIÇÃO, MONTAGEM e IMPRESSÃO

MX3 – Artes Gráficas, Lda.
Parque Industrial
Alto da Bela Vista
Pavilhão 50 – Sulim Park
2735-340 Cacém
Tel. 21 917 10 88/89/90
Fax: 21 917 10 04
E-mail: clientes@mx3ag.com

Tiragem:

3000 exemplares

Depósito Legal

n.º 67183/94



Editorial

Pedro Marçal Vaz Pereira

Afinal éramos felizes e não sabíamos!

O mundo filatélico foi atingido por uma hecatombe, que estou certo ninguém alguma vez poderia prever!

Há dois meses, que estamos todos confinados!

As exposições filatélicas e muitos outros eventos, em todo o mundo, foram cancelados!

A filatelia mundial entrou pela primeira vez, em regime de teletrabalho!

A filatelia portuguesa continua a trabalhar, a preparar o futuro.

Os filatelistas e directores dos clubes portugueses prosseguem os seus trabalhos, reprogramando as exposições e eventos, preparando as revistas, escrevendo artigos e servindo-se da filatelia, como grande entretenimento para estes tempos difíceis, que passamos e vamos ainda certamente passar.

Contudo como será o nosso futuro? Será que iremos ser mais solidários, mais capazes, mais competentes?

Vamos ter que ser!

Vamos ter que reinventar a filatelia provavelmente em novos conceitos, em novos princípios.

Hoje somos um grupo que trabalha. Temos excelentes dirigentes, capazes e competentes, que nas horas vagas tudo dão à sua filatelia, como sempre fizeram.

É com esses e só com esses, que sempre contámos e vamos contar.

A Federação Portuguesa de Filatelia continuará a tudo fazer, para apoiar os seus filatelistas e clubes nesta hora difícil.

Se até aqui tínhamos este objectivo, o mesmo deve ser agora redobrado, para que a filatelia e os seus clubes, continuem a ter condições para trabalharem. Sem eles, não existe filatelia.

Esta Filatelia Lusitana sai numa altura, não digo difícil, mas problemática.

Como vai ser até final do ano? Que vai acontecer ao “bicharoco”? E se ele continuar por aí?

Tenhamos esperança, que tal como há 100 anos atrás, com a “asiática” ou “gripe espanhola”, também agora iremos superar as dificuldades.

A vida continua!

A Federação Portuguesa de Filatelia será a última a abandonar a militância e a vontade de ultrapassar todas as dificuldades!

Mas precisamos dos clubes, dos filatelistas, dos Correios de Portugal, dos comerciantes. Precisamos de todos, para unidos ultrapassarmos vitoriosos a pandemia e no fim dizermos: **VENCEMOS, VALEU A PENA!!**

Contem comigo, contem connosco!

ÍNDICE

EDITORIAL	1	A Bandeira Republicana	13
PROTECÇÃO CTT	2	NOTÍCIAS FEDERATIVAS	20
ARTIGOS		EMISSÕES DOS CTT	31
Um “Covid” em 1918	3	LITERATURA	39
D. Luís I – Emissão F. Borja Freire	5	ARQUIVOS PÚBLICOS	44
Academia Portuguesa da História (300 anos)	8		

OS CORREIOS DE PORTUGAL E O COVID-19

Recebemos dos Correios de Portugal SA a seguinte informação, que passemos a transcrever:

Com o objetivo de ajudar os nossos Clientes a protegerem-se da pandemia que se está a manifestar, os **CTT**, disponibilizaram-se para servir de intermediários na entrega de alguns materiais de proteção e as opções de produtos têm vindo a crescer

No caso de não existir contrato a crédito com os CTT, o pagamento é feito antecipadamente por transferência bancária ou multibanco e para criação de ficha de cliente e emissão de fatura necessitamos dos seguintes dados

- Indicação dos materiais pretendidos (descrição e quantidade)

- Morada de entrega
- NIPC e CAE da empresa;
- Designação social da empresa;
- Valor do Capital Social;
- Código da certidão permanente ou cópia do registo comercial da empresa
- Nome completo do responsável pela empresa;
- Cópia cartão de Cidadão (responsável);
- Morada sede;
- Contactos telefónicos;
- Endereço de email;

Todos os pedidos deverão ser solicitados ao seu Gestor Comercial CTT ou para a mailbox **comercial.ctt@ctt.pt**

1. PROTEÇÕES EM ACRÍLICO



2. PROTETOR FACIAL (NÃO MÉDICO)



3. MÁSCARA CIRÚRGICA (EN14683)



4. ÓCULOS DE PROTEÇÃO (EN166:2002)



5. VISEIRAS DE PROTEÇÃO



6. KITS DE PROTEÇÃO



7. ÁLCOOL GEL a 70%



8. SISTEMA DE MEDIÇÃO DE FEBRE (FIXO E PORTÁTIL)



UM “COVID” EM 1918

Pedro Marçal Vaz Pereira

A Pneumónica ou Gripe Espanhola eclodiu durante a Grande Guerra, tendo chegado a Portugal em meados de 1918 e mataria no nosso país cerca de 60 mil pessoas.

O vírus “influenza” apareceu no mundo em Janeiro de 1918 e esteve activo até Dezembro de 1920.

Infectaria em todo o mundo 500 milhões de pessoas, provocando uma mortandade de 20 a 50 milhões de indivíduos.



Em 1918 ainda estavam muitas tropas portuguesas na frente de combate da Grande Guerra.

As informações que chegavam a estes eram escassas, procurando não se criar alarme entre os militares, no que diz respeito aos seus familiares.

A 10 de Outubro de 1918, este militar português, enviou este postal para a filha, onde escrevia o seguinte:

«Minha filhinha

Estimo que este te vá encontrar de saúde assim como a mãe, pois desde que soube da actual epidemia que aí anda estou ansioso pelas vossas cartas para saber o que se passa convosco, que espero não vos toque pela porta.»

Passaram-se 100 anos e fomos atingidos por nova pandemia.

Estamos mais preparados, mas estamos perante uma nova “gripe” pandémica, agora chamada de *Covid 19* ou *Coronavírus 2019*.

Em 1918 escreviam-se postais e em 2020?

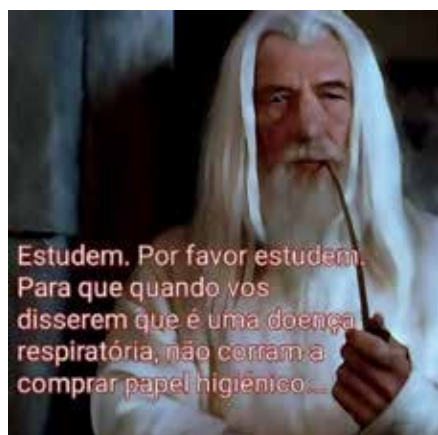
COVID em 2020

Dentro de 9 meses
veremos o resultado
do "Fique Em
Casa!": Se for menina
se chamará
Kuarentina, se for
menino Alcolgelson...



De tanto lavar as
mãos, já estão a
aparecer as marcas
das reguadas que
levei na primária!

Nem nos meus
sonhos mais loucos,
imaginei entrar
num banco com
máscara para
levantar dinheiro



Encontrei
gasóleo a 0,87 €
mas não vos
digo onde é.
Ainda não me
esqueci do que
vocês fizeram
com o papel
higiénico!

A desconfiança chegou a todos os lados



Zero mortos no Alentejo.
Eu por mim, começava a
testar em humanos uma
vacina composta por
açorda, vinho de Borba e
coentros.

Última hora! empresa
portuguesa fabrica
sopositório de sabão azul e
branco para enviar para
Estados Unidos.

D. LUIS I – EMISSÃO F. BORJA FREIRE

OS CUNHOS DO SELO DE 5 RS

João Violante

No âmbito de um trabalho que, desde há muito, ando a tentar organizar, sou obrigado a analisar cuidadosamente todos os selos e peças das 4 primeiras emissões dos selos clássicos portugueses, que me chegam às mãos.

Observo e analiso também todas as fotos relativas a esse material, que depois digitalizo, para consulta e eventuais esclarecimentos futuros.

Foi então que comecei a ter a sensação de alguma insegurança na classificação de algumas dessas peças, tomando por base as informações constantes do catálogo de selos que utilizo.

À medida que esse trabalho ia avançando, aumentava essa minha insegurança ao ponto de, agora estar com algumas dúvidas, que gostaria de ver dissipadas.

Muito embora admita que esse tipo de dúvidas possa ser, igualmente, extensíveis a outros selos e peças, estou neste momento a referir-me somente, ao selo de 5 rs de D. Luís I, emissão Borja Freire.

Como se sabe, os catálogos actuais mencionam a existência de 13 cunhos deste selo (Fig. 1) e que, ultimamente, se tem aceite como válido.

Sem pretender afirmar que o que hoje é comum aceitar-se como verdadeiro, possa estar certo ou errado, o que é facto é que as dúvidas persistem.

Até porque esta classificação não foi sempre assim e recorde, por exemplo, que a 1ª vez que se atribuiu uma classificação a este selo, ela mencionava a existência apenas de dois cunhos, conforme nos relata Henrique de Oliveira Marques, no volume I da sua "História do selo Postal Português - 1853-1953".

Já mais tarde, a magnífica obra do eng. Armando Vieira "Selos clássicos de relevo de Portugal", classifica e ilustra profusamente os 10 cunhos que entende haver deste selo. À medida que os assuntos vão sendo mais profundamente estudados, novos dados vão aparecendo o que nos leva a conclusões diferentes daquelas antes definidas. É assim em tudo na vida e, na filatelia, não poderia ser diferente.

Portanto, o que aqui pretendo questionar são alguns desses 13 cunhos agora definidos para este selo de 5 rs. D. Luís I, sem afirmar, (porque não é disso que agora se trata) que estão errados. Nada disso, simplesmente levanto algumas dúvidas, que gostaria de esclarecer.

Estão neste caso, por um lado, os cunhos IV e VI e, por outro, os cunhos XI, XII e XIII.

Nos cunhos IV e VI, são descritas pelo eng. Armando Vieira, na sua obra atrás mencionada, as seguintes características:

Cunho IV

- Linha branca que parte da cercadura e atravessa os dois arabescos do lado direito
- 3 linhas brancas, verticais, oriundas da circunferência que envolve as pérolas e que atingem o "S" de "Reis" e os arabescos do lado inferior direito.
- Pontos brancos entre o "E" e "I" de "Correio" e, junto às pérolas, por cima do "I" de "Reis".

Cunho VI

- Linha branca, ligando os dois arabescos do lado superior direito.
- Ponto branco, perto da base do pescoço.

De notar que, em ambos os casos, o "5" está mais afastado de "Reis", como aliás em todos os outros cunhos à excepção dos actuais cunhos I e II.

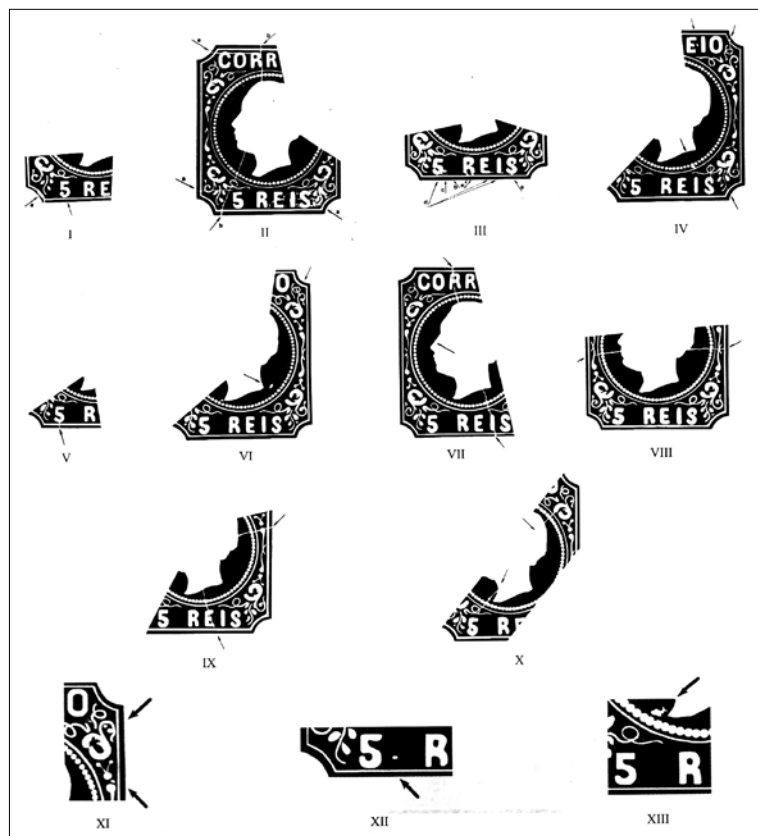


Fig. 1 • Cunhos do 5 reis D. Luís I.



Fig. 2

A dúvida está em saber se se considera obrigatória a existência simultânea de todas as características descritas ou se, pelo contrário, existirá uma prevalecente em relação às outras e, neste caso, qual.

Vejam-se as peças que, a seguir, se reproduzem e que me parecem elucidativas.

Na fig 3, vê-se um fragmento com os selos de 5, 10 e 25 rs de D. Luís I. No selo de 5 rs, classificado como do cunho IV, nota-se o ponto branco junto às pérolas mas não se vislumbram os outros elementos identificadores.



Fig. 3 • 5 reis cunho IV.

A fig. 4 ilustra um selo de 5 rs, do cunho VI, onde é visível o ponto branco por detrás do pescoço mas, se existe, é imperceptível o pequeno traço que deveria unir os dois arabescos do lado superior direito.



Fig. 4 • 5 reis cunho VI.

Nos casos dos cunhos XI, XII e XIII, não referidos pelo eng. Armando Vieira no seu trabalho já mencionado, poderemos sintetizar:

Cunho XI

- Pequeno ponto branco dentro do segundo arabesco mais acima, do lado direito do selo
- Pequeno ponto branco entre os 3º e 4º arabescos superiores direitos

Cunho XII

- Um único ponto branco entre o "5" e o "R" de "Reis"

Cunho XIII

- Uma pequena mancha branca, junto da base frontal do pescoço, junto às pérolas e por cima do "5" e "R" de "Reis"

Faço notar que nestes três casos, estamos a falar sempre e só de pontos brancos ou pequenos desenhos semelhantes a pontos e, nunca, de quaisquer outras características marcantes. E, em todos estes cunhos, observámos e temos arrolados selos, novos e usados, que correspondem às descrições respectivas.

Do cunho XII, temos até uma tira horizontal de três selos (Fig. 5) onde é indiscutível a existência do ponto branco entre o "5" e o "R" de reis, o que lhe confere o eventual direito de ser excluído dos lotes onde as dúvidas subsistem.



Fig. 5 • 5 reis cunho XII.

O problema consiste na escassez de múltiplos ou grandes blocos de todos estes cunhos, ao contrário do que acontece com os cunhos I e III, principalmente. É que, para se poder considerar um cunho individualmente, é necessário que **TODOS OS SELOS DE UMA FOLHA COMPLECTA DE 24 UNIDADES, SEJAM IGUAIS.**

Se não forem, esses exemplares só poderão ser classificados como variedades, falhas de impressão causadas por pequenas impurezas que se interpuseram entre a folha que estava a ser impressa e o cunho de serviço (C. S.), ou ainda uma outra qualquer razão esporádica que nada tenha a ver com o processo de impressão em causa.

Para se entender melhor o que se afirmou, necessário se torna conhecer, minimamente, o processo de impressão destes nossos selos de relevo, para o qual foram confeccionadas 5 peças diferentes, a que se deram os nomes de (1) - Punção Reprodutor Original (P.R.O.) - (2) Matriz (M) - (3) Punção Reprodutor (P. R.) - (4) Cunho de Serviço (C. S.) e (5) Contra Cunho (C. C.) (Fig. 6)

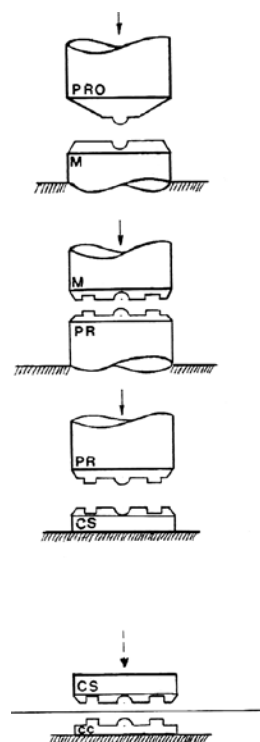


Fig. 6 • Esquema das peças utilizadas na impressão dos selos.

1. Punção Reprodutor Original (P. R. O.)

Tratava-se de um cilindro de aço macio onde o gravador, utilizando um buril, abria em relevo, a efígie do monarca, nas precisas dimensões em que deveria depois, aparecer no selo.

A superfície desse cilindro era depois temperada, para lhe conferir a dureza necessária à operação seguinte.

2. Matriz (M.)

Era, também, um cilindro de aço macio que recebia, por prensagem, a imagem em relevo do P. R. O., ficando a efígie, por isso, impressa a cavado.

Finda esta operação, logo o gravador, utilizando um buril, cavava a cercadura à volta da efígie, completando assim o desenho do selo. Igualmente aqui a base do cilindro com a imagem completa do selo, em cavado, era levada à têmpera para endurecimento.

3. Punção Reprodutor (P. R.)

Igualmente um cilindro em aço macio que, devidamente colocado na prensa recebia, em relevo, o decalque do desenho que lhe era transmitido pela Matriz.

Analisado o resultado desta operação, verificava-se se havia, ou não, imperfeições a corrigir, antes de lhe conferir o devido endurecimento, por têmpera.

4. Cunho de Serviço (C. S.)

Peça também em aço macio, mais pequena que todas as anteriores e que, ao ser colocada na prensa, recebia em cavado, o decalque do desenho do P. R.

Novamente era verificado pelo gravador se havia, ou não, correcções a fazer, antes de ir à têmpera para endurecimento.

5. Contra Cunho (C. C.)

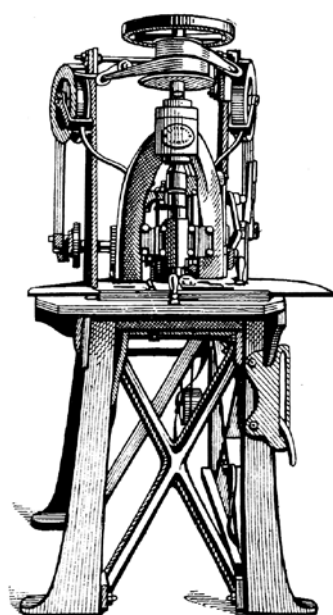
Peça fundamental neste processo de impressão em relevo, destas nossas primeiras emissões. O desenho, a cavado, estava pronto no C. S. que o poderia imprimir nas folhas

de papel que se colocassem na mesa da máquina de impressão. (Fig. 7 e 8).

Neste caso a impressão seria tipográfica, uma vez que o relevo não apareceria. Para que o papel da folha se pudesse moldar ao cavado do Cunho de Serviço era necessário que uma outra peça, o Contra Cunho, fosse suficientemente flexível e moldável, para "empurrar" o papel de modo o poder receber o desenho do C. S.

A esta peça chamou-se Contra Cunho e era

Fig. 7 • Esquema da Máquina de Impressão.



feita de sola, material perfeito tendo em vista os resultados a obter.

Para além de permitir a obtenção do relevo, era também fundamental para amortecer as pancadas que a cabeça da máquina, onde tinha sido colocado o C. S., dava na mesa da máquina impressora, aumentando assim, significativamente, a vida útil do C. S.

Estava-se, finalmente, em condições de proceder à impressão dos selos

Voltemos agora, depois deste resumo, ao assunto original - Os cunhos do selo de 5 rs de D. Luís I.

No que respeita aos cunhos IV e VI foram já explicitadas as dúvidas que me surgiram. Mas, no que aos outros cunhos diz respeito (XI, XII e XIII) e complementando o que atrás já foi dito, convém ter ciente que o selo é a reprodução da imagem gravada, a cavado, do cunho de serviço, transposta para a folha de papel.

E esses selos seriam sempre exactamente iguais, enquanto se usasse o mesmo cunho de serviço. Se o não fossem, era porque algo estranho se teria interposto entre ele e a folha de papel.

E, se não, como explicar o aparecimento desses pontos brancos? Ou como e porquê foram eles gravados ou na Matriz ou no Cunho de Serviço? Nada se sabe sobre esta matéria!

Daí que somente a observação de selos isolados não pode ser suficiente para a definição dos cunhos. Os múltiplos e os blocos são fundamentais para se observar a constância das características referenciadas para cada cunho e, quanto maiores eles forem, melhor. Se forem blocos de selos novos, onde não exista a marca postal a dificultar a conveniente observação, óptimo, então.

O desgaste natural dos cunhos de serviço, por força do seu uso continuado, poderiam dar origem a defeitos, como sejam, por exemplo, as múltiplas fendas que caracterizam muitos dos outros cunhos. Mas nunca, certamente, podem explicar estes pontos brancos, referidos.

Estas são algumas das dúvidas que me assistem, na certeza de que muito mais ainda haveria para comentar sobre estes 13 cunhos, objecto deste artigo e na esperança que possa aparecer quem, com mais conhecimentos e informação que me tenha escapado, possa contribuir para o cabal esclarecimento destes assuntos.

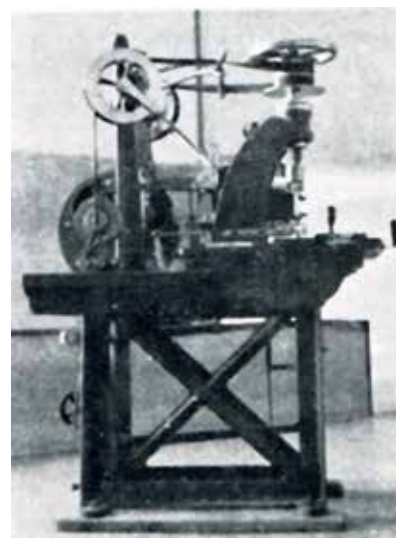


Fig. 8 • Máquina de Impressão.

Bibliografia

- Selos clássicos de relevo de Portugal - Eng. Armando Vieira
- História do selo postal Português - 1853-1953 - Dr. H. Oliveira Marques
- Catálogo MF - Edição 2016

ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTÓRIA

300 ANOS

1720-2020

Pedro Marçal Vaz Pereira

A Filatelia e a sua História Postal, estão diretamente ligadas à história dos países. Esta ligação faz-se através de emissões filatélicas, comemorativas dos acontecimentos históricos ou através das peças circuladas, que com as suas marcas postais recebidas durante o seu percurso, entre o expedidor e o destinatário, assinalam o momento político ou social, que se vivia na altura.

Por isso hoje vou abordar, um dos períodos mais ricos da nossa história, onde o ouro oriundo da nossa colónia do Brasil, teve uma enorme influência.



Logo da Academia Portuguesa da História

Contudo o clímax da beatice, seria atingido com a construção do Convento de Mafra. Pretendia-se construir em Mafra, um convento para os Arrábidos. Andava D. João V preocupado porque a rainha, D. Mariana da Áustria, não conseguia gerar nenhum herdeiro. Assim prometeram construir um convento em Mafra, logo que nascesse um herdeiro. A 4 de Dezembro de 1711, a rainha deu à luz uma rapariga, a princesa D. Maria Bárbara, que casaria com o rei de Espanha D. Fernando VI.

Logo se iniciaram os trabalhos para a construção do Convento de Mafra, obra que ficou a cargo do arquitecto-mor do reino, o alemão João Francisco Ludovice (**Johann Friedrich Ludwig**), que seria o autor da planta.

Esta construção começa em 1716 e custaria ao rei 12 milhões de cruzados por ano, ficando pronta em Outubro de 1735.

D. João V gastaria outras consideráveis somas em templos religiosos, doando-lhes enormes verbas e presentes, como por exemplo, à capela de S. João Baptista na igreja de S. Roque.

D. João V pagou ao Vaticano mais de 188 milhões de cruzados, por indulgências, patriarcados, missas e canonizações.

Constrói o Palácio das Necessidades, no local onde existia a Igreja das Necessidades, evocativa da Nossa Senhora das Necessidades. Mandou também erigir no mesmo sítio, um convento, que D. João V depois doou à Congregação do Oratório.

Enquanto D. João V gastava milhões com os frades, freiras, igrejas, conventos e tudo que fosse religioso, o povo passava mal e muitas outras obras ficavam por fazer.

Um dos mais notados exemplos do esbanjamento de dinheiro do monarca, está bem assinalado na construção de um palácio em Vendas Novas, onde a Família Real pernoitaria apenas duas noites, uma à ida e outra no regresso. Este facto dá-se quando vai ao Caia, fazer a troca das princesas portuguesa e espanhola, que iriam desposar os herdeiros do trono de Portugal e Espanha. Gastou um milhão de cruzados e nele chegaram a trabalhar 2000 trabalhadores.

De positivo para o país, D. João V tem a construção do Aquecedo das Águas Livres e da Casa da Moeda.

Abordemos então o transporte da água para Lisboa, que começava em Belas na Fonte da Água-Livre. Chegada ao vale de Alcântara, era necessário construir um enorme aquecedo por onde a água circulasse. Todo este processo e a construção deste aquecedo, é uma das obras mais notáveis construídas por D. João V e que maiores benefícios trouxeram à cidade de Lisboa.

D. JOÃO V, UM REI BEATO E CULTO



O rei D. João V

D. João V foi um rei beato, que gastou muito dinheiro com a Igreja Católica, um pouco sem critério.

Esbanjou muito dinheiro, dando às igrejas somas consideráveis. Nos últimos anos da sua vida, mandou rezar mais de 700 missas, sendo estas pagas a 240 reis cada uma!

Deu à Cúria grandes somas de dinheiro, para que esta o autorizasse a modificações litúrgicas e lhe concedesse um vasto rol de privilégios.

A loucura beata de D. João V era tão grande,

que chegou a pagar 120.000 cruzados por uma imagem de prata dourada de Nossa Senhora da Conceição, benzida pelo Papa.

Mas estas verbas eram também concedidas para organizações estrangeiras, tendo oferecido mais de um milhão de cruzados, às igrejas católicas de Jerusalém.

Durante o seu reinado, não deve ter existido uma única igreja, para a qual ele não tivesse contribuído com verbas, o que viria a totalizar uns milhões de cruzados.

De tal maneira era esta situação prejudicial para o reino, que o secretário do rei, Alexandre de Gusmão, verificando o que este gastava em Lisboa com igrejas, frades e cultos, desabafava dizendo-lhe, que «*A fradaria absorve-nos o reino, conduz-nos à ruína.*»



Os selos de uma enorme beleza emitidos pelos Correios de Portugal. Aqui D. João V e a Medalha da Academia Portuguesa da História cunhada em 2010, tendo como base a original.

A primeira proposta foi apresentada ao rei em 1728, pelo vereador Cláudio Gorgel do Amaral, tendo sido aprovada em 1729. Iniciou-se a sua construção em 1731, sendo dirigida pelos engenheiros Manuel da Maia e Custódio Vieira. Esta importante obra do Aqueduto e do transporte de água para Lisboa, ficaria pronta em 1748.

Todo o projecto foi financiado pelos impostos, que recaíam sobre os habitantes da cidade de Lisboa, que pagavam por exemplo, 6 reis em cada canada de vinho (**canada –equivalente a 1,4 litros**) e 5 reis no arrátel de carne (**arrátel – peso de 16 onças= 459 gramas**), 10 reis na canada de azeite e 70 reis nos panos de palha.

Terminada a obra, logo foram construídos por toda a cidade de Lisboa 18 chafarizes, que serviriam a população.

Melhorou ainda os banhos das Caldas da Rainha, tendo feito ainda as *obras hidráulicas do Tejo Novo e da vala da Azambuja*, manda construir a Casa da Moeda, que ficava em S. Paulo, construiu um arsenal para o fabrico de barcos, na Ribeira de Alcântara, edificou uma fábrica de pólvora, mandou construir a fortaleza da Póvoa do Varzim e manda igualmente recuperar muitas outras.

Foram ainda construídas muitas pontes e reparou inúmeras estradas, bem como criou novas indústrias, que serviam a marinha de guerra, embora alguns historiadores considerem que foram obras de fraca qualidade, que tiveram que ser recuperadas logo no reinado que se seguiu.

Deve-se ainda a D. João V, a extraordinária biblioteca joanina da Universidade de Coimbra, barroca e considerada como a mais bonita biblioteca do mundo.

D. João V foi sem dúvida um rei polémico, que gastava muito do dinheiro proveniente do ouro, que vinha do Brasil, mas foi sem dúvida um dos maiores e melhores reis, que teve o nosso país.

A ACADEMIA REAL DA HISTÓRIA

D. João V era também um rei muito interessado nas artes e letras e igualmente destinava a estas importantes verbas.

Por exemplo Michel Le Quien, historiador e teólogo francês, membro da Academia Francesa, escreveu a história de Portugal em 3 volumes e logo D. João V lhe deu uma pensão e outorgou-lhe a comenda da Ordem de Cristo.

A Academia Portuguesa da História comemora este ano, os seus 300 anos.

Teve a sua génese na Academia Real da História, fundada por esse grande rei português, que foi D. João V.

Por trás desta fundação, esteve o padre D. Manuel de Caetano de Sousa, uma das mais brilhantes figuras da cultura daquele tempo.

Entre outros foi também fundador da Academia Real, Caetano da Silva Souto Maior, que nasceu em Olivença em 1694 e morreu em Lisboa em 1739.



Gravura desenhada para a Academia Real da História por Vieira Lusitano e burilada por Pedro de Rochert, em 1739.

Era amigo pessoal do rei, e este permitia-lhe uma grande liberdade de linguagem. Era conhecido como o «*Camões do Rossio*». Entre muitos episódios burlescos, conta-se o seu célebre poema, satírico e erótico «*A Martinhada*», que procurava atingir e criticar o clérigo e Doutor em Direito Canónico, Frei Martinho de Barros, que era o confessor do rei e segundo relatos da época, um doído por mulheres.

Um dia Frei Martinho de Barros, estando a confessar D. João V, repreendeu-o pelas infidelidades que ele cometia, dirigindo-se ao Convento de Odivelas onde tinha por amante a madre Paula. Sendo o rei conhecedor do feitio mulhengo do padre, resolveu castiga-lo e ordenou que em todas as refeições, que fossem servidas ao seu confessor, tivessem para sempre como prato único, galinha. Este farto de comer sempre galinha, resolveu reclamar junto do rei, que lhe respondeu: «*Nem sempre galinha, nem sempre rainha*».

Entremos agora na fundação da Academia Real da História.

Para além dos nomes atrás mencionados, foram seus fundadores, Fernão Teles da Silva, Marquês do Alegrete, Francisco Xavier de Menezes, Conde da Ericeira, Manuel Teles da Silva, Conde de Vilamayor e a Martinho Mendonça de Pina e Proença.

D. João V institui a Academia Real da História através de um decreto, que dizia o seguinte:

«Tendo resolvido que se estabeleça uma academia, em que se escreva a história eclesiástica destes reinos, e depois tudo o que pertencer à história deles e de suas conquistas, e porque as notícias necessá-



O bonito bloco filatélico emitido pelos Correios de Portugal.

rias não se acharão só nos livros impressos e manuscritos. Mas estarão nos arquivos, ordenarei por cartas firmadas da minha real mão se participem à Academia todos os papéis, que deles se pedirem, comunicando-lhe os catálogos dos mesmos arquivos e cartórios as pessoas a cujo cargo estão, os académicos farão alguns estatutos para facilitar o seu progresso, e mos proporão, para que eu, como protector da mesma academia, os examine e aprove, para que possam ter a sua devida execução e vigor. E porque tenho escolhido muitas pessoas pela sua ciência e outras qualidades não-de formar este corpo, e se não-de nomear outras até que fique o número bastante para o fim, a que os aplico: ordeno que o presente decreto na primeira conferência para que escolhi o dia de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do reino, se leia na mesma academia, e se registre nos seus livros, e nas mais partes em que for necessário, pare que conste que a minha real intenção é concorrer para o aumento de uma academia, de que espero resulte uma história tão útil, conservando-se as acções tão dignas de memória, que nestes reinos se tem obrado no aumento do serviço de Deus, da Igreja Católica, dos reis meus predecessores e meu.

Lisboa Ocidental, a 8 de Dezembro de 1720, com, a rubrica S.M.»

A sua constituição foi precedida de 4 conferências preparatórias, tendo a primeira decorrida a 19 de Novembro de 1720, na casa da Nossa Senhora da Divina Providência, com a presença do Marquês de Alegrete, Conde da Ericeira, Conde de Vilamajor, D. Manuel Caetano de Sousa e Martinho de Mendonça de Pinna e de Proença.

Esta conferência tinha a finalidade de se analisar a determinação régia, que pretendia que se «compusesse a História Eclesiástica, e Secular destes Reinos e suas Conquistas» e ainda verificar «meios, porque mais fácil, e brevemente

se concluisse esta obra..... O mais que fosse necessário para se formar uma Academia cujo emprego fosse compor a História Eclesiástica com o título de Lusitânia Sacra».

Todas as outras 3 conferências analisariam as aprovações de D. João V, tratariam da organização administrativa e a composição dos hoje chamados órgãos directores e seria tratada igualmente a aprovação dos estatutos.

De salientar a existência de 4 censores.

O director por sua vez, era eleito anualmente.

A 8 de Dezembro de 1720, realiza-se o Congresso Fundador da Real Academia da História, cujo decreto da fundação, por resolução régia, foi lido pelo secretário e que dizia o seguinte:



Desenho de Vieira Lusitano, burilado por Pedro de Rochfort, em 1735.

«Lisboa Ocidental a 8 de Dezembro de 1720

Que se estabeleça uma Academia, em que se escreva a História Eclesiástica destes Reinos, e depois tudo o que pertencer a toda a História deles, e de suas Conquistas..... ordenarei por cartas firmadas da minha Real mão se participem à Academia todos os papéis, que deles se pedirem, comunicando-lhe os catálogos dos mesmos arquivos, e cartórios, as pessoas a cujo cargo estão....».

Por sua vez os académicos ficavam obrigados a fazer «alguns estatutos para facilitar o seu progresso e mos proporão, para que eu como Protector da mesma Academia os examine, e aprove Que pela sua ciência, e outras qualidades não-de formar este Corpo, e se não-de nomear outras até que fique o número bastante para o fim E ainda concorrer para o aumento de uma Academia, de que espero resulte uma História tão útil, conservando-se as acções tão dignas de memória, que nestes Reinos se tem obrado no aumento do serviço de Deus, da Igreja Católica, dos Reis meus predecessores, e meu».

Esta primeira sessão realizou-se no Paço dos Duques de Bragança de Bragança, numa sala luxuosamente mobiliada, por ordem do rei D. João V.

Na 1ª sessão estiveram presentes 31 académicos, todos aqueles que tinham sido eleitos.

Os estatutos da Real Academia da História seriam elaborados pelo Padre D. Manuel Caetano Sousa, pelo Marquês de Alegrete e pelo Conde da Ericeira.

Em 22 de Dezembro, realizar-se-ia nova sessão da Academia, durante a qual foram aprovados os estatutos.

Estava assim fundada a Real Academia da História, a primeira a ser criada no país, com o beneplácito de D. João V.

As sessões da Academia, eram reservadas apenas aos académicos. Contudo se alguém não académico quisesse fazer uma comunicação, estava autorizado a fazê-lo, deixando de imediato a sala após a sua conclusão.

Todavia existiam duas sessões públicas por ano da Real Academia da História, sendo estas realizados nos dias do aniversário do rei e da rainha. Estas sessões realizavam-se no Paço Real.

A Academia por sua vez tinha selo e empresa, sendo o selo o escudo de armas reais e a figura do Tempo preso com correntes logo abaixo das armas reais, com o dizer *Sigillum Regiae Academiae Historiae Lusitanae* e ainda o símbolo da verdade na Empresa, com o dizer *Restituet omnia*.

Por sua vez aos académicos, eram atribuídas áreas de investigação determinadas, ao que se chamavam de *emprego*.



As primeiras medalhas em ouro da Academia Real da História, mandadas cunhar por D. João V.

Como atrás escrevi, a Academia viria a ser composta por 32 sócios, designados por académicos de número e onde se destacavam entre outros D. António Caetano de Sousa, D. Manuel Caetano de Sousa, D. José Barbosa, Francisco Leitão Ferreira, Diogo Barbosa Machado e D. Rafael Bluteau e ainda por 18 académicos supra-numerários, todos oriundos da província.

Em 14 e Agosto de 1721, era publicado um novo decreto de iniciativa da nova Academia e que dizia o seguinte:

«Hei por bem que daqui em diante nenhuma pessoa de qualquer estado, e condição que seja, desfaça ou destrua em todo nem em parte qualquer edifício, que mostre ser daqueles tempos, ainda que em parte esteja arruinado, e da mesma sorte as estátuas, mármores e cipos, em que estiverem esculpidas algumas figuras, ou tiverem letreiros, fénices, gregos, romanos, góticos, arábios, ou lâminas, ou chapas de qualquer metal, que contiverem os ditos letreiros, ou caracteres, como outros sim medalhas ou moedas, que mostrarem ser daqueles tempos, nem inferiores até ao reinado do sr. rei D. Sebastião; nem encubram, ou ocultem algumas das sobreditas, e encarrego às câmaras das cidades e vilas deste reino, tenham muito particular cuidado em conservar e guardar todas as antiguidades sobreditas, e de semelhante qualidade, que houver ao presente, ou ao diante se descobrirem,

nos limites do seu distrito; e, logo que se achar ou descobrir algum de novo, darão conta ao secretário da dita academia real, e se o que assim se achar e descobrir novamente, forem lâminas de metal, chapas, ou medalhas, que tiverem figuras ou caracteres, ou outrossim moedas de ouro, prata, cobre ou de qualquer outro metal, as poderão mandar comprar o director e censores do procedido da consignação, que fui servido dar para as despesas da dita Academia»

A Academia prestaria relevantes serviços, à história de Portugal.

Fundada em 1720, tinha já em 1734 publicado um elevado número de importantíssimas obras, que passo a relatar: Pelo Padre D. Jerónimo Contador de Argote, «As Antiguidades de Braga em latim e português e Memórias Eclesiásticas e Geografia antiga de Braga»; por José Soares da Silva «Memórias para a história d'el-rei D. João I; Manuel Pereira da Silva Leal publicaria «Memórias eclesiásticas do



Desenho alegórico da Academia Real da História de autoria de Vieira Lusitano, feito ao buril por Pedro de Rochefort em 1728.

bispado da Guarda; do padre frei Lucas de Santa Catarina, História de Malta; de Alexandre Ferreira e em 3 volumes, Ordens Militares que Houve em Portugal; do marquês de Alegrete, Fernão Teles da Silva, escrito em latim, Vidas dos Bispos de Elvas; pelo marquês de Fronteira, foi escrita uma parte da «História dos Romanos na Lusitânia»; D. Francisco de Almeida escreveria «Aparato da disciplina eclesiástica deste reino»; de Diogo Barbosa Machado, «Memórias de el-rei D. Sebastião»; Francisco Leitão Ferreira escreveria «Memórias para a História da Universidade de Coimbra»; do Padre D. José Barbosa «Catálogo Histórico das Rainhas de Portugal»; o Padre D. António Caetano de Sousa, escrevia parte da «História Genealógica da casa Real Portuguesa» e «Provas»; o Padre D. Rafael Bluteau publicaria diversos trabalhos; o conde do Vimioso a «Vida do Infante D. Luís»; Martinho de Mendonça de Pina e Proença, «Memórias de el-rei D. Duarte».

Na Academia existiam ainda arquivadas, 1500 notícias sobre as conferências realizadas, Panegíricos (discursos encomiásticos = elogiosos de uma acção notável), Orações, Elogios, Dissertações, catálogos históricos, raros manuscritos, extractos críticos de livros raros, documentos provenientes de outros arquivos, inscrições e epitáfios e diplomas régios.

D. João V quis seguir o exemplo de Luís XIV, rei de França, que ele tanto apreciava.

Durante o reinado de D. João V, a liberdade da escrita não existia e estava espartilhada «numa época em que a consciência, o pensamento, e a liberdade estavam com-



Os selos de uma enorme beleza emitidos pelos Correios de Portugal. Aqui pode ver-se o verso da Medalha da Academia Portuguesa da História.

pletamente algemados por um despotismo aviltante e corruptor».

Contudo os jesuítas desde o reinado de D. Manuel I, que exerciam no reino uma influência enorme sobre os monarcas. Interferiram na vida social, de credence e académica.

Alteraram os cursos das universidades onde as disciplinas das filosofias das ciências, foram substituídas pelas filosóficas dos dogmas da Igreja. Não nos esqueçamos, que estávamos em pleno período da Inquisição, com os seus autos de fé. Para se ser punido pela Inquisição, bastava ser-se suspeito!

Também na fundação da Academia Portuguesa da História, os jesuítas teriam uma importante palavra a dizer, dentro da linha da contra reforma, como reacção às heresias!

Os académicos, seguindo a linha jesuíta, juraram «o Mistério da Conceição de Maria, Virgem, feita padroeira do reino», voto este feito pela unanimidade de todos os académicos. Estávamos em 15 de Dezembro de 1730 quando «Determinaram os Académicos de Lisboa jurar o Mistério da Conceição; para isso se ajuntaram na aula da sua Academia, situada no Paço de Bragança, e cantando na capela Ducal uma missa com toda a solenidade em obséquio de Nossa Senhora, que celebrou D. Nuno da Silva Teles, inquisidor, filho do marquês de Alegrete, e pregando o Geral de S. Bernardo, Esmoler Mór, Fr. Manuel da Rocha, onde assistiu El-Rei e o príncipe do Brasil, seu filho. Depois da missa fez o celebrante sobre o altar o seu juramento, e depois os ministros do altar, e logo levado El-Rei do seu ardente zelo e devoção a tão soberano Mistério, fez para o acto, e, descendo da tribuna com o príncipe, fez o mesmo juramento, como protector da Academia, posto de joelhos, lendo o formulário do juramento o secretário da Academia, marquês de Alegrete, D. Manuel Teles da Silva, depois o príncipe, acompanhando-o todos os académicos até ao coche, foram continuar por sua ordem os seus juramentos.».

Só com o rei D. José e o Marquês de Pombal, esta situação se viria a alterar, com o controlo da Inquisição, a expulsão dos jesuítas de Portugal e a profunda reforma do ensino protagonizada pelo Marquês de Pombal. Acabaram-se com as disciplinas filosóficas e dogmáticas da igreja e foi dada prioridade à ciência. A literatura passou a ser mais livre, melhor e mais capaz.

Finalmente Portugal abria-se ao mundo. Contudo estávamos ainda a algumas dezenas de anos de acabar com esse polvo, que era a Inquisição e que tudo controlava e violava sem piedade e justiça.

Com o beato D. João V, tal abertura seria impossível dado o fanatismo religioso de que estava imbuído, e dominado por um clero jesuítico «interessado por sistema em conservar a sociedade imersa nas trevas da ignorância, nunca os seus desejos podiam ser satisfeitos, nunca o seu reinado se podia tornar luminoso na história pelo esplendor das ciências, das artes, e das letras.....».

D. João V assistiria a muitas sessões da Academia, embora a maior parte das vezes «incógnito debaixo de uma cortina».



Desenho de 1937, da refundação da Academia Portuguesa da História.

A Academia Real da História, foi a primeira academia fundada em Portugal e prestou relevantes serviços ao país.

Foi sua herdeira a Academia Portuguesa da História, que em 1937 retomou o seu trabalho e tem prestado igualmente, relevantes serviços ao país.

Uma das principais obras, que a Academia refundada publicou, foram os Anais do Ciclo da Fundação da Nacionalidade em 1940 e 1941, integrados nestas comemorações, tendo sido para o efeito constituída uma comissão, para acompanhar este evento.

A sua sede é no Palácio dos Lilases, Alameda das Linhas de Torres, nº 198-200, 1769-024 em Lisboa.

As sessões são públicas e decorrem todas as Quartas-Feiras, pelas 15 horas.

Para comemorar esta importante data da fundação da nossa Academia Portuguesa da História, os Correios de Portugal decidiram emitir uma série filatélica, cuja qualidade e beleza são inexcusáveis.

Um bloco lindíssimo e 2 selos de elevada qualidade artística, que serão apresentados ao público no dia 8 de Dezembro de 2020, na sede da Academia Portuguesa da História, dia em que se celebram os 300 anos da fundação da Academia Real da História e no qual será realizada uma sessão solene, que assinalará esta data.

Aqui vos deixo este apontamento histórico, onde a filatelia se faz representar, através desta memorável e bonita emissão filatélica.

Vieira Lusitano, de seu nome Francisco Vieira de Matos, foi um ilustre pintor da Casa Real.

Coube-lhe fazer para a Real Academia da História a primeira gravura alegórica, que representa a sua fundação.

Viveu alguns anos em Roma, onde estudou e foi influenciado por alguns grandes mestres do barroco.

Em 1734 é nomeado por D. João V, «desenhador e abridor» da Academia Real da História.



O grande pintor barroco português Vieira Lusitano.

A Bandeira Republicana

Pedro Marçal Vaz Pereira

A filatelia não é só o coleccionismo dos selos. Há muito que evoluiu, sendo hoje os filatelistas investigadores e historiadores, a partir dos selos, peças postais e outro material que pode ser incluído na Classe Aberta.

Esta a razão porque entendo, que o termo filatelia e filatelista está desactualizado.

Hoje temos autênticos tratados de história, escritos por aqueles a que chamamos filatelistas e eu gosto de chamar historiadores da História Postal.

Agregada à história dos países, estão as peças postais, que contam a história desses mesmos países.

A recente classe de bilhetes-postais ilustrados, veio abrir aos investigadores e historiadores, um conjunto enorme de possibilidades de podermos desenvolver estudos temáticos e postais e apresenta-los, o que de outro modo não seria possível.

Está neste caso a bandeira republicana, ou mais propriamente a bandeira nacional.

Em 5 de Outubro de 1910, era implantada em Portugal a República.

Chegados ao poder, entenderam e bem os republicanos, que deviam ter uma nova bandeira, que simbolizasse a república.

Assim 10 dias após o evento republicano, era constituída uma comissão com o objectivo de estudar e criar uma nova bandeira.

Esta era composta por Abel de Acácio de Almeida Botelho, Columbano Bordalo Pinheiro, João Chagas, José Afonso Pala e António Ladislau Parreira.

Foram então enviadas a esta Comissão um conjunto de interessantes projectos, apresentados por diversos vultos da nossa política, bem como por alguns autores anónimos.



Plebiscito sobre a bandeira nacional. Verde e vermelha ou branca e azul? Autor e editor Ângelo N. Pons, 1910/11.

O grande Guerra Junqueiro, Braancamp Freire, Presidente da Assembleia Constituinte, António Arroio, Teófilo de Braga, A. de Melo Loureiro, Alexandre Fontes, Duarte Alves

G. Leal, José Sampaio Bruno, Salvio Rato, foram alguns dos vultos que apresentariam projectos.

As disputas entre os autores foram grandes, onde Sampaio Bruno e Guerra Junqueiro apoiavam uma bandeira azul e branca, dentro da tradição e estilo monárquico, enquanto Guerra Junqueiro e Afonso Costa a vermelha e verde, ou seja uma bandeira completamente nova.



Este postal simboliza a luta entre Guerra Junqueiro e Teófilo de Braga, cada um defendendo o seu projecto de bandeira. Editor Glória - Reg. - Autor Silva.

Coube então à comissão, debruçar-se sobre as propostas apresentadas.

Depois de muitos estudos, a comissão chegaria a um projecto final, que seria aprovado em 29 de Outubro de 1910.

No entender desta o branco representa «uma bela cor fraterna em que todas as outras se fundem, cor de singeleza, de harmonia e paz» e sob ela, «salpicada pelas quinas se ferem as primeiras rijas batalhas pela lusa nacionalidade. Depois é a mesma cor branca que, avivada de entusiasmo e de fé pela cruz vermelha de Cristo, assinala o ciclo épico das nossas descobertas marítimas.» Quanto ao vermelho a Comissão entendia, que «nela deve figurar como uma das cores fundamentais por ser a cor combativa, quente, viril, por excelência. É a cor da conquista e do riso. Uma cor cantante, ardente, alegre Lembra o sangue e incita à vitória.»

A cor verde e segundo a Comissão, significava a esperança e assentava a sua origem na revolta republicana do 31 de Janeiro de 1891, que teve como palco a cidade do Porto. O verde era o elogio à revolta que o povo «no momento

decisivo em que, sob a inflamada reverberação da bandeira revolucionária, o povo português fez chispar o relâmpago redentor da alvorada.»

A esfera armilar, oriunda da bandeira de D. Manuel I, representava a «epopeia marítima portuguesa, feito culminante, essencial da nossa vida colectiva.»

O escudo branco com as quinas que se encontra por cima da esfera armilar, celebrava, segundo a Comissão «o milagre humano da positiva bravura tenacidade, diplomacia e audácia que conseguiu atar os primeiros elos da afirmação social e política da lusa nacionalidade.»

A faixa carmesim com os sete castelos, que rodeiam o escudo branco das quinas simbolizava, segundo a Comissão, a «integridade e independência nacional».

Na primeira sessão da Assembleia Nacional Constituinte, realizada em 19 de Junho de 1911, foi aprovada a nova Bandeira Nacional.

Anselmo Braancamp, Presidente da Assembleia Nacional Constituinte, lia ao plenário uma importante comunicação, que passo a transcrever:



Braancamp Freire era o Presidente da Assembleia Nacional Constituinte quando a bandeira republicana foi aprovada.

«A Assembleia Nacional Constituinte decreta:

1º A Bandeira Nacional é bipartida verticalmente em duas cores fundamentais, verde escuro e escarlate, ficando no verde do lado da tralha. Ao centro, e sobreposto à união das duas cores, terá o escudo das Armas Nacionais, orlado de branco e assentando sobre a esfera armilar manuelina, em amarelo e avivado de negro.

As dimensões e mais pormenores de desenho, especialização e decoração da bandeira, são os do parecer da comissão nomeada por decreto de Outubro de 1910, que serão imediatamente publicados no Diário do Governo.»

O plenário reagiu a esta declaração com «Repetidos vivas à República Portuguesa, à Pátria e à Bandeira Nacional, são soltados por todos os Deputados. O Sr. Primeiro Secretário faz ondular por sobre a mesa da Presidência a bandeira nacional».

O decreto seria publicado, no Diário do Governo nº 150 de 30 de Junho de 1911.

Neste decreto encontram-se especificadas as dimensões da bandeira.

Dizia na sua parte final que:

«O comprimento da bandeira é de vez e meia a altura da tralha. A divisória entre as duas cores

fundamentais deve ser feita de modo que fiquem dois quintos do comprimento total ocupados pelo verde e os três quintos restantes pelo vermelho. O emblema central ocupa metade de altura da tralha, ficando equidistante das orlas superior e inferior.»

No artigo 11º da nova Constituição, ficou estabelecido que: «A Bandeira Nacional é a adoptada pela República instaurada pela Revolução de 5 de Outubro de 1910.»

Passemos então aos projectos das propostas onde predominava o azul e branco.



Projecto de Guerra Junqueiro. Edição da Tabacaria Costa, impresso na Litografia da Papelaria Est. Nunes.



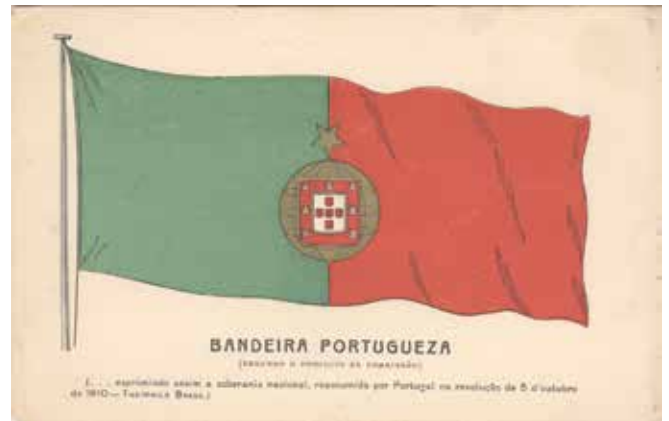
Projecto da bandeira nacional de Guerra Junqueiro. Autor e editor desconhecidos.



Projecto de Guerra Junqueiro, "As cores da Alma Nacional". Editor e autor desconhecidos.



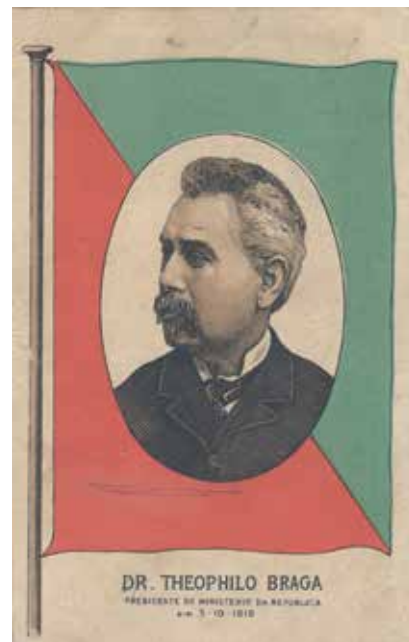
Projecto do estudante militar Salvio Rato. Editor desconhecido.



O projecto de Teófilo Braga, era bem parecido com o que seria aprovado pela comissão e depois pela Assembleia Nacional Constituinte. Editora Tipografia da Empresa Guedes, rua Formosa 24, no Porto.



Projecto apresentado por Alexandre Fontes, 1910. Editor e autor. Depósito Rua do Arsenal 110.



Teófilo Braga no centro da nova bandeira. Editor desconhecido.

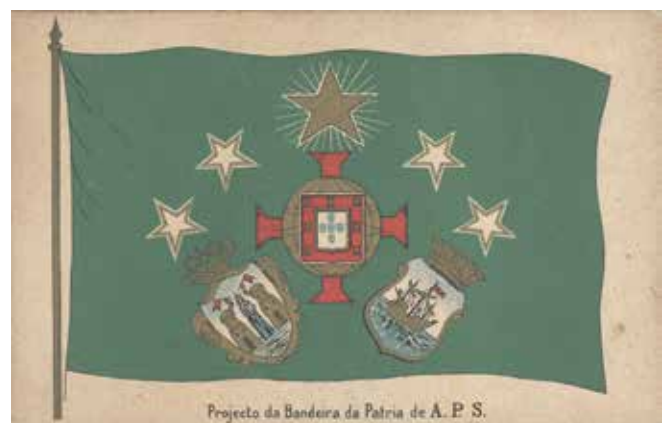


Projecto de Duarte Alves Gomes Leal. Editor Livraria Popular de Francisco Franco.

Seguem-se outros interessantes e bonitos projectos da nossa bandeira apresentados à Comissão.



Projecto da bandeira apresentado por Sampaio Bruno. Editor Glória.



Projecto de André Pinto dos Santos. Editora Tabacaria Vareirense, rua Bonjardim 64, Porto. Bandeira toda verde fugindo aos dois grandes projectos de verde e vermelho e azul e branco.



Projecto de um patriota anónimo. Editora Chromotypia da “Comércio do Porto”, 1910. Prevalece o verde com o branco.



A República com a bandeira republicana submetendo o clero. 1911. Editor desconhecido.



A. De Mello Loureiro apresenta um projecto com vermelho e branco com o escudo em verde. Editor desconhecido.



Alegoria à República, com a bandeira nacional no braço da República. Editor desconhecido.

Por fim a Comissão tomou uma resolução final, cujo projecto apresentou à Assembleia Constituinte e que foi aprovada por unanimidade.



A bandeira nacional aprovada na Assembleia Nacional Constituinte. Passados 109 anos continua a ser a oficial.



Homenagem ao grande vulto da República António José de Almeida, onde a bandeira republicana aparece junto ao escudo. Editor desconhecido.

Assiste-se então ao uso da nova bandeira republicana, procurando-se exaltar a República e a Pátria, com ligações aos actos políticos republicanos.



Postal comemorativo das grandes vitórias dos republicanos sobre os monárquicos nas invasões destes protagonizadas por Pava Couceiro. Editor desconhecido.



O Zé Povinho comemorando o 5 de Outubro de 1910 com a nova bandeira republicana. Autor Leal da Câmara, 1911, Lisboa.



O povo que implantou a República com a bandeira nacional por detrás. Editor Imprensa Comercial- Calçada do Caldas 203, Lisboa.



O povo e as forças armadas, autores do 5 de Outubro, comemorando a implantação da República. Editor desconhecido.



Comemoração da Lei da Separação do Estado, com a bandeira nacional empunhada pela República. Edição de A.S.F. .



Bonito bilhete-postal onde a bandeira nacional, está representada nas asas de uma borboleta. Editor desconhecido.



O governo provisório instituído após a implantação da República, tendo por base a bandeira nacional. Editor F&S.



O hino nacional "A Portuguesa", com o povo empunhando a bandeira nacional. A música de autoria do grande artista Alfredo Keil. Editor desconhecido.



O governo provisório na proclamação da República, com a bandeira nacional segura pela República. Editor F&S, 1911.

Na mesma sessão onde foi aprovada a bandeira nacional, foi aprovado o Hino Nacional, "A Portuguesa" com letra de Henrique Lopes de Mendonça e música desse grande artista, que foi Alfredo Keil.

Este hino patriótico, foi criado em 1890 como resposta ao ultimato inglês.

Nos postais que celebravam o Hino Nacional, foi colocada a bandeira nacional.



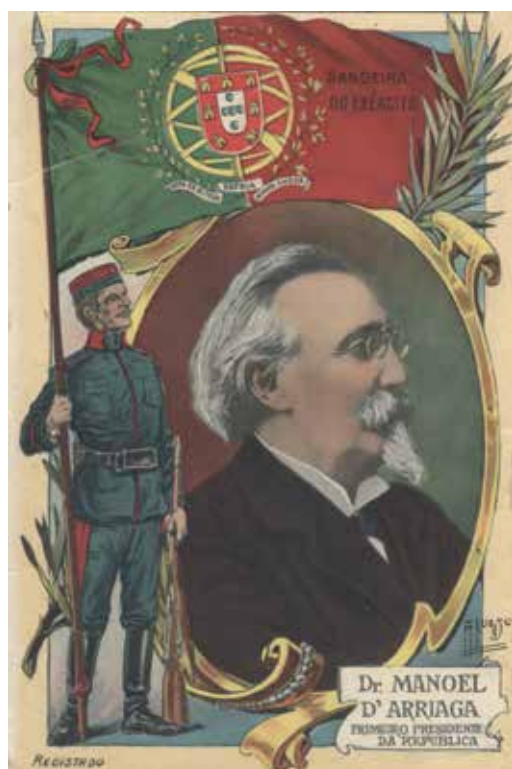
A bandeira nacional junta ao hino nacional, cuja letra é de autoria de Henrique Lopes Mendonça. Editor Propaganda Postal, 77 – Rua da Boavista, Lisboa.

Juntamente com a bandeira nacional foi criada a bandeira regimental, destinada às unidades militares.

Esta era «bipartida verticalmente de verde e encarnado, em partes iguais; ficando o verde junto da haste. Ao centro,

e sobreposto à união das duas cores, tem o escudo das armas nacionais assente sobre uma esfera armilar de ouro, e, a um outro lado desta, dois ramos de loureiro, também de ouro, cujas hastes se cruzam na parte inferior da esfera, entrelaçada com uma fita branca e com a divisa: **“ESTA É A DITOSA PÁTRIA MINHA AMADA”**.

Apresento de seguido dois postais onde se encontram essa bandeira regimental.



A bandeira regimental usada pelo exército. Editor desconhecido.

A bandeira nacional seria igualmente usada por outras entidades para vincarem o seu profundo republicanismo.

Era normal os cartões de membros dos centros escolares, terem a bandeira nacional na sua frente.

Os centros escolares eram todos republicanos. Durante o dia davam aulas aos jovens e à noite organizavam reuniões políticas, para divulgação das ideias e ideais republicanos.



Cartão de membro do Centro Escolar Almirante Reis onde a bandeira nacional era um dos elementos principais.



Cartão do Centro Escolar Republicano António José de Almeida, tendo como fundo as cores da bandeira nacional.

Muitos outros postais com a bandeira nacional, foram impressos.

Era usual na 1ª República, colocar a bonita bandeira republicana nos postais, dando-lhes uma beleza e um colorido, que são extremamente atractivos.

Igualmente proporcionam, excelentes temáticas sobre a 1ª República.

LUBRAPEX – 2020

e

Os 500 anos dos Correios



Pela primeira vez fomos obrigados a adiar uma exposição.

Perante a pandemia que se abateu em todo o mundo, a Federação Portuguesa de Filatelia e os Correios de Portugal, resolveram cancelar uma das manifestações mais importantes, com que se comemoraria este ano os 500 anos da criação dos Correios de Portugal.

A XXIII Lubrapex estava prevista para ser realizada em Évora de 20 a 25 de Outubro.

Assim a mesma foi adiada para Outubro do próximo ano, sendo realizada de 5 a 10 de Outubro.

As inscrições poderão ser enviadas para a Federação Portuguesa de Filatelia, até 30 de Março de 2021.



Dos Correios de Portugal recebemos um conjunto de interessantes informações que pela sua importância passamos a transcrever:

Os CTT Correios de Portugal preparam um conjunto de iniciativas para os anos de 2020 e 2021, lembrando os 500 anos da nomeação do primeiro Correio-Mor.

Estas iniciativas terão lugar ao longo dos dois anos, mas com especial incidência no último trimestre, em redor do Dia Mundial dos Correios de 9 outubro e da data de 6 de novembro.

- Os CTT vão oferecer a todos os portugueses que se deslocarem aos nossos Balcões num determinado período um selo postal que poderão guardar como recordação dos “500 anos” ou utilizar em qualquer mensagem que entendam expedir.
- Será emitida pela Imprensa Nacional Casa da Moeda uma moeda oficial da República

evocadora dos 500 anos do correio em Portugal.

- Teremos igualmente uma Lotaria Nacional sobre o mesmo tema, editada pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.
- Serão publicados em 2020 e 2021 diversos livros sobre esta matéria – um deles sobre os 500 anos do correio, outro ainda sobre a vida de D. Manuel I, uma outra obra de grande envergadura sobre as Marcas Postais em Portugal (Os Correios Portugueses de 1853 a 1900), e finalmente um livro sobre as memórias dos trabalhadores dos CTT, uma recolha dos testemunhos mais interessantes do dia-a-dia dos profissionais postais.

Pelo programa apresentado pelos Correios, estão reunidas todas as condições para que as comemorações dos 500 anos da sua criação perdurem na nossa memória.

Os Correios Portugueses 1853-1900

OS CORREIOS PORTUGUESES 1853-1900

Os Correios de Portugal e a Federação Portuguesa de Filatelia tinham programado para este ano a apresentação do livro, *Os Correios Portugueses 1853-1900, nos 500 anos dos Correios em Portugal*, homenageando os Correios Portugueses.

Este livro será prefaciado pelo Dr. Raul Moreira, ilustre Director da Direcção de Filatelia dos CTT-Correios de Portugal e é da autoria de Pedro Marçal Vaz Pereira, Presidente da Federação Portuguesa de Filatelia..

A sua apresentação estava programada para a exposição Lubrapex, comemorativa dos 500 anos da criação dos correios em Portugal, que decorreria em Évora de 20 a 25 de Outubro.

Devido à actual pandemia e ao cancelamento da exposição, os Correios de Portugal e a Federação Portuguesa de Filatelia, decidiram adiar esta apresentação para o próximo ano.

Esta decorrerá entre 5 e 10 de Outubro de 2021, data em que está prevista a realização da XXIII Lubrapex em Évora.



ARPCA – 13ª Mostra de Filatelia e Coleccionismo

Luís Santos

Realizou-se no passado dia 12 de Outubro de 2019, na Oficina de Cultura de Almada, a inauguração da 13ª Mostra de Filatelia e Coleccionismo que esteve patente ao público até ao dia 20. Organizada pela Secção de Filatelia da ARPCA – Associação de Reformados, Pensionistas e Idosos do Concelho de Almada e comemorativa do “**MÊS DO IDOSO**”, este ano dedicada aos 10 Anos da requalificação, reabilitação e restauro da “**ERMIDA DE SÃO SEBASTIÃO**” que em 1565 foi referenciada pela visita da “Ordem de Santiago”, este modesto templo, construído com materiais de fraca qualidade e que em 1755, sentiu os efeitos nefastos do terramoto, ficando totalmente arruinada.

Reconstruída nos finais do séc. XVIII, viria a ser utilizada nos séculos XIX e XX, como hospital, palheiro, hospício para crianças expostas (casa da roda), habitação e acabando por abrir as portas a uma taberna, por debaixo do imponente arco da fachada barroca.

Em 1984 foi considerada pelo Instituto Português do Património Cultural (IPPC), de Imóvel de Valor Concelhio, sendo comprada a 26/11/1993 pela Câmara Municipal de Almada que em 1999 iniciou a reabilitação do edifício.



Aspecto da sala.

A 25 de Julho de 2009, depois de recuperada e dignificada, a “**ERMIDA DE S. SEBASTIÃO**” foi devolvida à Cidade, para exercer a função original de templo religioso.



Actuação do Grupo Coral da ARPCA.



Aspecto da sala.



Grupo Coral e Posto de Correio.



O Dr. Mário Ávila, no uso da palavra em representação da Câmara Municipal.



Grupo Coral e Posto de Correio, vendo-se projectado o carimbo comemorativo.

Após este breve apontamento histórico, iniciou-se a inauguração pelas 16 horas com a atuação do nosso Grupo Coral. Estiveram presentes o Dr. Mário Ávila em representação da Câmara Municipal e o Prof. Domingos Torgal, Presidente da Associação que após o uso da palavra e distribuição das lembranças, procedeu-se à inauguração do carimbo comemorativo, onde foram assinados 4 FDCs. Foram emitidos: catálogo, fdc e selo personalizado, estando no local um posto de correio que funcionou das 15,30 às 18 horas.

Em 48 quadros, 2 cubos e 2 mesas expositoras, estiveram patentes, 38 colecções pertencentes a 23 colecionadores, sendo 27 de filatelia e 11 de colecionismo.

De filatelia estiveram as seguintes áreas: tradicional, inteiros-postais, temática, maximafilia, classe aberta e um quadro. Coleccionismo: marcadores de livros, postais, pacotes de açúcar, porcos miniatura, crucifixos, artesanato e moedas comemorativas do escudo.



Dr. Mário Ávila a assinar os FDC's.



Luís Santos a assinar os FDC's, vendo-se o Prof. Domingos Torgal, Presidente da ARPCA, o Dr. Mário Ávila, as Sras. Funcionárias dos CTT e o Dr. João Santos a fotografar.



O Dr. Mário Ávila inaugurando o carimbo comemorativo.

Mais um ano em que cumprimos os objetivos propostos, divulgar a filatelia e a cultura de Almada. Sentimos nos visitantes, o prazer por estas exposições nos contactos que

tivemos e foram muitos, pois estiveram na mostra 256 visitantes, incentivando-nos para organizarmos mais mostras ao longo do ano. Deixamos uma garantia para 2020, a 14ª Mostra Comemorativa dos 500 Anos do Correio.

ESCOLA SECUNDÁRIA MANUEL DE ARRIAGA



CLUBE DE FILATELIA
"O ILHÉU"

Numa ação conjunta entre o Clube de Filatelia *O Ilhéu* e a Junta de freguesia da Ribeirinha, realizou-se, na sede da mesma, no dia 1 de novembro, pelas 14h30 uma mostra filatélica intitulada *O Farol da Ribeirinha 100 Anos*.

Além dos faroleiros que prestaram serviço neste imóvel, estiveram presentes o diretor Regional do Mar, o vereador do pelouro da Cultura da Câmara Municipal da Horta, o coman-



Carimbo



Postais Máximos

dante do Porto da Horta, familiares dos faroleiros, população local e órgãos de comunicação social: RTP-Açores e jornal *Incentivo*.



Fotos da Construção e da destruição do Farol da Ribeirinha



Sessão Solene

A cerimónia terminou com a apresentação de um selo com o Brasão da freguesia, que constituiu uma “surpresa” feita pelo Clube à Junta de Freguesia da Ribeirinha, que ao longo do tempo tem colaborado nas suas iniciativas.

A construção do farol da Ribeirinha iniciou-se em maio de 1915 e foi inaugurado a 1 de novembro de 1919. Na sequência do sismo de 9 de julho de 1998, ficou completamente destruído, cuja ruína representa a memória dos serviços



Carlos Lobão e Paulo Castelo, presidente da Junta de freguesia da Ribeirinha

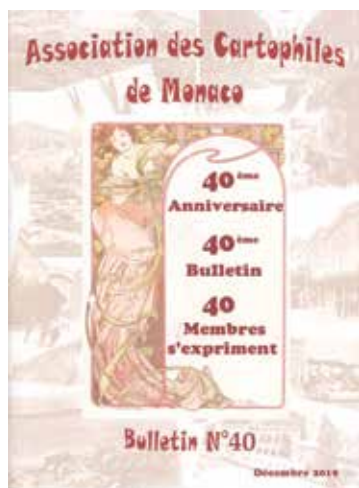


1919, NC 4 na baía da Horta

prestados à comunidade marítima açoriana, nacional e mundial.

A 11 do mesmo mês de novembro, o Clube comemorou o seu vigésimo sexto aniversário, apresentando um selo e um postal comemorativos da primeira travessia aérea do Atlântico, que passou pela baía da Horta a 17 de maio de 1919: o NC4, sob o comando do capitão Albert Read.

ASSOCIATION DES CARTOPHILES DE MONACO



Quando em Dezembro do ano passado estive no Mónaco, para estar presente no Congresso da FEPA, tive a oportunidade de visitar a excelente exposição, que aí se encontrava e no local onde se concentravam os comerciantes, encontrei um stand da ASSOCIATION DES CARTOPHILES DE MONACO.

Estive a falar com um dos directores e ve-

rifiquei que estava perante um bem organizado clube, que poderia ter interesses para os filatelistas portugueses, agora que temos a classe de bilhetes-postais ilustrados.

Publicam uma excelente revista, com muito artigos de grande interesse.

Quem estiver interessado em contactar esta associação poderá fazê-lo para:

ASSOCIATION DES CARTOPHILES DE MONACO

17, rue de la Turbie

98000 Monaco

E-mail: cartophiles.monaco@gmail.com

www.cartophiles-monaco.com

Instagram: [monaco.cartes_POSTALES](https://www.instagram.com/monaco.cartes_POSTALES)

Telefone 061 1670661

BULGÁRIA 2020



Devido à pandemia do Covid-19 a exposição mundial que se devia realizar em Outubro na Bulgária foi cancelada. Até à presente data não foi dada outra qualquer data para a realização da exposição.

LONDRES-2020

Recebemos o comunicado da organização mundial Londres-2020, que em baixo se transcreve envia.

Devido à actual pandemia do Covid-19, esta importante manifestação filatélica foi cancelada e será realizada de 19 a 26 de Fevereiro de 2022.

Os expositores portugueses já confirmaram todos a sua participação na Londres-2022.

O comissário é o Sr. Eng^o Júlio Maia.

LONDON 2020 NEWSLETTER NO. 16: 18 MARCH 2020

Exhibition Dates

Please forgive my silence over the last week or two, but trying to find a way of managing the London 2020 exhibition that both is safe and secure, as well as being financially robust, has been a major challenge.

In line with UK Government guidelines, it is now impossible for the exhibition to happen in May 2020. We have consulted with all our major partners in the planning of the show:

- Fédération Internationale de Philatélie (FIP)
- Federation of European Philatelic Associations (FEPA)
- The venue, the Business Design Centre (BDC)
- Stamp World Exhibitions Ltd (SWE)
- Philatelic Traders' Society (PTS).

All of these have been incredibly supportive of trying to find a solution to the unprecedented challenges we are facing, both logistical and financial. Although we have not fully defined all the details, the exhibition will go ahead at the same venue on the earliest feasible dates available:

19 to 26 February 2022

I'm sorry that I have not been in a position to communicate this message any earlier, but I hope you will understand the scale of the problems that we are trying to resolve.

Frank Walton RDP FRPSL
Chairman, London 2020 Organising Committee
chairman@london2020.co



PRÉMIOS DE MÉRITO FILATÉLICO – LITERATURA Ano 2018

Já foram atribuídos os prémios de Literatura de 2018. Estes prémios deveriam ser entregues durante a XXIII Lubrapex que se realizaria este ano.

Porém e devido ao cancelamento da exposição, os prémios serão entregues no jantar de Palmarés da Lubrapex, que se realizará em Outubro de 2021.

Prémio "O PHILATELISTA" – Melhor Periódico

Revista "Vale do Neiva Filatélico"
Associação de Filatelia e Coleccionismo do Vale do Neiva

Prémio "A. GUEDES DE MAGALHÃES" – Melhor Autor

Américo Lopes Rebelo

Artigos publicados em diversas revistas

Prémio "GODOFREDO FERREIRA" – Melhor Livro

A Luta contra o Cancro e as Organizações Nacionais e Internacionais
A Comunicação Através da Filatelia
Carlos Freire de Oliveira

Prémio "ANÍBAL QUEIROGA" – Melhor Website e Blog de Filatelia

Melhor Blog
<http://sfaac-filatelia.blogspot.pt>
Secção Filatélica da Associação Académica de Coimbra

PRÉMIOS ANUAIS DA FEPA

Recebemos do Board da FEPA o comunicado que se transcreve

CHRIS KING, CARLO GIOVANARDI E HENRIK MOURITSEN recebem os Prémios da FEPA de 2019.

O Board da FEPA decidiu atribuir os prémios FEPA às seguintes individualidades:

FEPA Medal 2019 for exceptional service to organised philately: CHRIS KING (United Kingdom)



Chris King

FEPA Medal 2019 for exceptional support to organised philately: CARLO GIOVANARDI (Italy)



Carlo Giovanardi

FEPA Medal 2019 for exceptional philatelic study and research: HENRIK MOURITSEN (Denmark) for “Danish Postal History 1875-1907”.



Henrik Mouritsen

Foi ainda atribuído um certificado aos outros candidatos.

- Hans-Werner Salzmann (Alemanha)
- Witold Mikołajczyk (Polónia)
- Calin Marinescu (Roménia)
- Edward Klempka (Reino Unido)
- Mehmet Akan and Timur Kuran (Turquia)

FEPA Certificate of Appreciation atribuído aos clubes pelas suas actividades na promoção da filatelia.

- Verein für Briefmarkenkunde Bensheim (Alemanha)
- Associazione Filatelica Numismatica Scaligera Verona (Itália)
- Ogólnopolski Klub Zainteresowań PZF „Kolejnictwo” im. Ernesta Adama Malinowskiego (Polónia)
- Korosko Filatelisticno Drustvo Ravne (Eslovénia)
- Grupo Filatélico y Numismático de Tenerife (Espanha)
- Stamp Active Network (Reino Unido)

A Direcção da Federação Portuguesa de Filatelia felicita todos os galardoados.

ALBERTINO DE FIGUEIREDO 1931-2020

Pedro Marçal Vaz Pereira

Faço este apontamento em meu nome pessoal, assumindo como sempre e desde a primeira hora, a minha opinião pessoal sobre este polémico e controverso assunto!

Conheço bem o tema, porque dadas as minhas funções de Presidente da Federação Portuguesa de Filatelia, desde 1987 e Presidente da Federação Europeia de Associações Filatélicas de 2001 a 2009, conheci bem Albertino de Figueiredo, homem de fino trato e sempre pronto a ajudar a filatelia nacional e mundial. Que o diga a FIP-Federação Internacional de Filatelia, que fez com a AFINSA de Albertino Figueiredo, um excelente contrato de publicidade,

que lhe pagava cada edição da sua revista oficial e ainda sobrava dinheiro!

Morreu Albertino de Figueiredo

Nasceu em Oliveririnha, perto de Viseu em 1931.

Cedo emigrou para Espanha, onde foi engenheiro mecânico da Citroen, abandonando esta actividade em 1980. Passou então a dedicar-se à filatelia e aos investimentos filatélicos e outros bens, designados por bens tangíveis.

Albertino de Figueiredo foi um homem importante, para a Filatelia Nacional.



Albertino de Figueiredo na Fundação Portuguesa das Comunicações.

Conheci Albertino de Figueiredo em 1988, na Lubrapex, que nesse ano se realizou no Porto.

Foi nessa altura, que se deu o lançamento da AFINSA em Portugal, desconhecida até essa data por todos.

A partir daqui Albertino de Figueiredo e a AFINSA, passaram a ser parceiros importantes da filatelia nacional.

Foi com a sua ajuda, que nos anos 90 se publicaram obras de história postal importantíssimas e que ainda hoje são marcos de elevado nível na nossa filatelia.

Todos os livros, que Albertino de Figueiredo ajudava a publicar, eram de excelente apresentação gráfica e histórica. Todos foram publicados pela *Fundação Albertino de Figueiredo para a Filatelia*, que ele tinha fundado e que era possuidora de uma notável biblioteca filatélica, com edições de grande raridade e grandes serviços prestados à cultura.

Desapareceu Albertino de Figueiredo e tirando um ou dois casos, nunca mais foram publicados livros na nossa filatelia, com a qualidade e brilho, como se fazia no seu tempo.

Escreveu algumas obras, onde se destaca um estudo sobre o selo CERES, publicado em 30 de Setembro de 2003.

Foi um dos maiores coleccionadores de selos clássicos, em especial do período Borja Freire. Ganhou em exposições classificações de elevado nível.

Nos leilões que realizava era sempre apresentado material de altíssima qualidade e raridade.

Lembro o leilão, que foi realizado no Hotel Palace de Madrid, da colecção de selos clássicos portugueses de Ângelo Lima, onde o par novo do selo de 100 reis de D. Maria II, peça única, foi vendido por 33.000 contos, hoje 165.000.00 euros. Muitos outros leilões organizou, como o da colecção de clássicos do Dr. António Felino.

A sua participação e contribuição para as exposições, foram importantes. Ao contrário do que alguns cavalheiros na altura disseram e escreveram, Albertino de Figueiredo e a sua AFINSA, nunca deram dinheiro à Filatelia Portuguesa. Pagavam espaços comerciais e anúncios nos catálogos, que muito ajudavam as organizações dos eventos. Outras vezes encarregavam-se da parte comercial, como aconteceu na PORTUGAL-98, em que foram os responsáveis pela tenda, que estava na parte traseira do Centro Cultural de Belém, que acolheu os comerciantes mundiais presentes. Quem visitou a PORTUGAL-98, lembra-se desta tenda, dos muitos stands que aí estavam e em especial do magnífico espaço, que a AFINSA montou para o evento.

A importância de Albertino de Figueiredo era tão grande no meio cultural e empresarial, que o Estado Português o

condecorou com a Comenda de Grande Oficial da Ordem de Mérito, comenda esta entregue na Embaixada de Madrid, onde na altura se encontrava o Sr. Embaixador Martins da Cruz.

Muitas outras distinções e cátedras recebeu e teve Albertino de Figueiredo, durante o seu percurso de vida.

Na parte comercial, Albertino de Figueiredo foi muito importante, para os nossos comerciantes. Muitos deles enriqueceram à custa de Albertino de Figueiredo e da sua AFINSA e hoje vivem bem e desafogadamente.

Como era o negócio? Os nossos comerciantes andavam a rapar pelo mundo todo os selos de Portugal, que compravam e depois vendiam à AFINSA, obtendo mais valias excelentes.

Também aqui Albertino de Figueiredo e a sua AFINSA, foram mecenas desta gente toda. Era vê-los a comprar por essa Europa fora, todas as existências de selos portugueses, que encontravam nos comerciantes europeus com o único objectivo de os venderem à AFINSA.

Fizeram o seu negócio e ninguém lhes pode levar a mal. Pena foi, que quando Albertino de Figueiredo começou a ter problemas, esses mesmos comerciantes tenham vindo para a imprensa criticar pela negativa, o homem e a empresa, que lhes tinha proporcionado excelentes negócios, para enriquecerem e viverem hoje bem, muito bem!!

A AFINSA tinha em Espanha 2.600 colaboradores, 100 escritórios e 270.000 clientes. Tinha comprado o Grupo ESCALA nos Estados Unidos da América, cotado na bolsa de Nova York em alguns milhões de dólares.

Muitas leiloeiras europeias, tinham sido compradas pela Afinsa. Em Portugal tinha duas casas filatélicas, uma em Lisboa e outra no Porto, para além do escritório de Bens Tangíveis, também na cidade invicta.

Se ainda hoje temos um catálogo de selos, devemos-lo à Afinsa e a Albertino de Figueiredo.

A AFINSA tinha números anuais impressionantes.

Qual era então o negócio das AFINSA? Basicamente um investimento em selos, sendo estes o “papel moeda” a valorizar neste investimento.

Mas os filatelistas investiam na AFINSA? Não, porque conhecedores do negócio, sabiam, que não era assim que funcionava o mercado filatélico.

Então quem investia? Normalmente o público, não filatelista, que aceitava juros confortáveis na altura e era basicamente isto, que lhe interessava. Nem sequer estavam in-



Albertino Figueiredo apresentando um livro, um dos actos de que mais gostava.

interessados, em receber os selos do capital investido e a levá-los para casa. Recebiam um certificado de posse e nada mais queriam. Eram investidores e comportavam-se como tal. Os selos ficavam à ordem destes, na casa forte da rua Lagasca em Madrid. Arriscavam, já que nessa altura os bancos pagavam metade do juro dado pela AFINSA, Bens Tangíveis!

Em 2006 estalou o escândalo, com a notícia, que a polícia espanhola tinha invadido a AFINSA e tinha detido os seus gerentes, acusando-os de fraude, lavagem de dinheiro e fuga ao fisco. Ao mesmo tempo, procedeu ao fecho da empresa.

As notícias vindas entretanto de Espanha, indicavam penas de prisão para os proprietários da Afinsa e indemnizações enormes a pagar ao Estado Espanhol.

Bom aqui não me compete analisar e julgar o caso, até porque não conheço o processo. Contudo não posso colocar em causa a razão dos tribunais espanhóis, que levaram 14 anos a tomar uma decisão final, depois de apresentados todos os recursos possíveis.

O que posso dizer, é que enquanto a AFINSA esteve a funcionar, nunca deixou de pagar a quem se lhe dirigisse a pedir o dinheiro investido e também nunca deixou de pagar juros dos dinheiros aí depositados.

Nunca ouvi uma única queixa neste sentido e repito, enquanto a Afinsa esteve de portas abertas.

Mas a debandada foi geral. Os grandes amigos de Albertino de Figueiredo, que gravitavam à sua volta, usufruindo



Albertino de Figueiredo com a sua comenda, outorgada pelo Estado Português.

muitas vezes de mais valias e cargos interessantes, desapareceram todos.

Após a Afinsa fechar, houve muita gente prejudicada, que perdeu as suas poupanças, já que fechada a empresa, deixou de existir quem fosse responsabilizado pelo capital aí depositado, tal qual como, quando um banco fecha as suas portas. Para além disto, como a AFINSA não era um banco, não existia qualquer legislação, que neste caso protegesse os clientes.

Pior do que isto, a AFINSA tinha milhões de selos em existência, que colocados no mercado, nem o valor do papel teriam, dada a inflação que causariam!

Soube que aos investidores, o tribunal espanhol ofereceu ou a entrega dos selos ou o pagamento de 5% do capital investido!

A quem me telefonava a pedir conselho, sempre aconselhei a que não aceitassem os selos, mas os 5% do capital investido.

Morreu Albertino de Figueiredo, para uns um homem bom, para outros um vilão.

Que seja julgado por cada um, segundo a sua consciência e vontade.

Que descanse em paz, junto ao deus dos bons ou no inferno, junto ao diabo dos vilões!

Albertino de Figueiredo muito deu à Filatelia de Portugal, que só lhe pode estar reconhecida e agradecida.

Ao filho Carlos de Figueiredo e à Família, apresento as minhas condolências.

LUIS ALEMANY 1940-2020



Luís Alemany era um senhor da filatelia de Espanha!

Morreu ao fim de uma longa doença incapacitante e degenerativa.

Amigo do seu amigo, era um homem diferente, que se colocava acima da intriga e que nutria uma grande paixão pela filatelia e pelos amigos.

Um dos maiores filatelistas de Espanha e do Mundo, os seus estudos filatélicos, que apresentava nas suas colecções, foram galardoados ao mais alto nível com muitos grandes prémios e medalhas de ouro.

As suas colecções ficarão para a posteridade nos livros Edition d'Or onde se encontram publicadas as suas famosas colecções.

Era um arquitecto de renome no seu país, tendo participado em importantes projectos, muitos deles ligados ao Real Madrid, seu clube de eleição.

Era Presidente de Honra da Sociedade Filatélica de Madrid e membro número 1 da Academia Hispânica e Filatelia. Foi Presidente da Comissões de Falsificações da Federação Espanhola de Sociedades Filatélicas, era ainda membro da Academia Europeia de Filatelia.

Foi jurado FIP nas classes de Tradicional e História Postal. Era membro da Comissão de Programação de Selos da Real Casa dos Correios.

Faleceu um dos grandes filatelistas mundiais!

Será lembrado em Portugal, como um verdadeiro senhor da filatelia mundial!

À sua Família a Direcção da Federação Portuguesa de Filatelia apresenta sentidas condolências.

RUI COSTA PINTO

1962-2020

Faleceu o Sr. Professor Doutor Rui Costa Pinto. O Professor Rui Costa Pinto, não era um homem ligado ao mundo da história postal e da filatelia.

Contudo, na Filatelia Lusitana de 2009, publicou um excelente artigo sobre Gago Coutinho, que em muito ilustrou a nossa revista.

Desde aí passei a apreciá-lo como um homem da história de Portugal, de grande valor intelectual e elevada competência.

Foi com muita pena, que recebi a notícia do seu desaparecimento e a academia portuguesa, perdeu um dos seus melhores intelectuais.

Mestre em História dos Descobrimentos e da Expansão, Licenciado em História (Variante em História da Arte), pela Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa. Possuía também os cursos de História da Náutica, Qualificação em Ciências de Educação e Técnicas Documentais e Tecnologias de Informação.

Publicou ainda uma tese de Doutoramento intitulada "Gago Coutinho, historiador da náutica e dos descobrimentos"

Foi professor e formador de professores, membro da Academia da Marinha, Presidente da Secção de História da Sociedade de Geografia de Lisboa, Ex Vice-presidente da Secção de História da Associação dos Arqueólogos Portugueses e membro da Secção de História e da Comissão de Estudos Olisiponenses da mesma Associação. Foi Comissário Científico do Colóquio "Portugal-Brasil, 500 Anos" e do



Colóquio Comemorativo dos 860 anos da tomada de Lisboa aos Mouros.

Organizou o seminário «O Império Colonial Português nos Séculos XIX e XX», promovido pela Secção de História da SGL; fez parte da Comissão de Homenagem Comemorativa do 1º Centenário do Nascimento de Francisco Assis de Oliveira Martins; e foi ainda coordenador geral para as comemorações dos 130 anos da SGL. Foi relator do Boletim da SGL.

Publicou o livro *A Costa Oriental Africana (1640-1668)* - Estar-Editora, Lisboa, 2002; como colaborador, participou no Glossário de Termos de Arte - Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, e no Grande Dicionário Enciclopédico Universal - Lisboa, Ediclube. Também em colaboração, escreveu "A Missão Durante o Século XVII na Costa Oriental Africana" in Para além da Taprobana - De Lisboa a Nagasaki, ed. da Secretaria de Estado da Cultura - Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, Lisboa, 1993, e "Plataforma da Fortaleza de Moçambique" e "Documentação Manuscrita sobre o Brasil dos Séculos XVII e XIX" in Tesouros da Sociedade de Geografia de Lisboa, ed. Inapa, Lisboa, 2001. Publicou ainda diversos textos na Brotéria, Arqueologia e História, História, Mare Liberum, Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa e na Academia da Marinha.

À Família a Direcção da Federação Portuguesa de Filatelia apresenta sentidos pêsames.

FEDERAÇÃO ESPANHOLA DE ASSOCIAÇÕES FILATÉLICAS CONVIDA FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE FILATELIA PARA PARTICIPAR EM NACIONAL DE ESPANHA

Foi recebida na Direcção da FPF, um convite para Portugal participar este ano na nacional de Espanha, a realizar em Outubro em Cáceres.

As condições dadas pelos espanhóis, eram absolutamente incompreensíveis.

Portugal não é uma província de Espanha, para que seja convidado a participar numa nacional de Espanha, com apenas 3 participações.

Para além disto era convidado a estar presente, um jurado/comissário português, ao qual a negrito, e para que não subsistissem dúvidas, era pago o hotel e nada mais.

Desde 2008 que o protocolo luso-espanhol foi cancelado, quando a Federação de Espanha e o seu Presidente, Fernando Aranaz del Rio, numa atitude antidemocrática, pretendiam que o Presidente da FEPA-Federação Europeia de Associações Filatélicas e na altura Presidente da Federa-

ção Portuguesa de Filatelia, Pedro Vaz Pereira, ractificasse a proposta da Federação Espanhola, para candidatar o seu Presidente para as eleições da Direcção da FIP- Federação Internacional de Filatelia, quando o Presidente da Federação de Espanha tinha perdido as eleições no Congresso da FEPA em Budapeste, para um finlandês, estando impedido estatutariamente de se candidatar.

Por uma questão de ética, verticalidade, respeito democrático e honestidade, Pedro Vaz Pereira, na altura Presidente da FEPA, recusou-se a assinar a ractificação de tal irresponsável e antidemocrática proposta, enviada pela Federação de Espanha.

A partir desse momento, iniciou-se uma retaliação incompreensível contra a Federação Portuguesa de Filatelia, por parte da Federação de Espanha, que conduziu ao cancelamento do protocolo Luso-Espanhol, que tinha durado de 1991 a 2008!!

Os espanhóis passaram a aceitar novamente filatelistas portugueses nas nacionais de Espanha, sem que estes estivessem presentes, representando a Federação Portuguesa. Contudo o mais grave foi quando a Federação de Espanha, num total desrespeito por Portugal, aceitou que nas suas listas para exposições internacionais, alguns portugueses as integrassem e competissem por Espanha, sem qualquer razão e num total desrespeito pela Filatelia de Portugal, pelos portugueses e pela soberania do nosso país!!

Recebemos agora este presente envenenado e porquê envenenado? Porque segundo informações que nos chegaram, foi o Correio de Espanha que teve a ideia de convidar Portugal.

Contudo convidar Portugal a estar presente com 3 colecções, era ultrajante para o nosso país!!

Queriam os espanhóis, que a Federação Portuguesa estivesse presente em Cáceres com 3 colecções, e onde estariam outros portugueses competindo por fora.

Queriam igualmente continuar a integrar nas suas listas para exposições internacionais, mais portugueses, numa total falta de respeito por Portugal e pela sua soberania.

Penso que alguns espanhóis ainda não interiorizaram, que livramo-nos do jugo deles em 1640, que somos um país independente e respeitado.

Contudo e num acto de boa vontade, ainda nos disponibilizamos para nos encontrarmos em Lisboa, tendo convidado os homens da Federação de Espanha a deslocarem-se à nossa sede, com o fim de nos voltarmos a sentar e com calma e tempo acertarmos todos os detalhes de independência e sã convivência, que deve prevalecer entre Federações Nacionais de países independentes.

Espanha não aceitou!! Pretendiam a humilhação de Portugal, só que a filatelia de Portugal é adulta e não precisa de Espanha para nada e muito menos com estas cenas caricatas e pouco credíveis protagonizadas por estes dirigentes espanhóis.

Na realidade a FESOFI pouco cambiou e nada aprendeu!!

Assim não vamos estar em Espanha.

Espanha tem excelentes filatelistas e homens sérios eticamente.

Pena é que o seu actual presidente, Miguel Angel Garcia, ainda não tenha compreendido de como deve ser o relacionamento entre homens e federações nacionais.

Ora a Federação Portuguesa de Filatelia, não entra nestas fantochadas ibéricas e como diria o meu grande Amigo Paco Gilabert: **(não) lhe tiro o chapéu e OLÉ!!!**

Quando o Sr. Miguel Angel Garcia, Presidente da FESOFI, pessoa muito importante pelos vistos, e que nunca apareceu neste desgraçado assunto, nem sequer assinou a carta de convite (porque seria?) quiser, sentamo-nos em Lisboa e falamos como em 1991, mas falamos com respeito, ética e seriedade!!

Até lá, sigamos como até aqui!

Assim não Sr. Garcia!

NR: Este esclarecimento só surge porque a Federação Estanthola de Associações Filatélicas resolveu tornar pública a nossa recusa. Caso contrário nunca teríamos publicado esta notícia.

WEBSITE DA FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE FILATELIA

www.fpfilatelia.wordpress.com

No Website da Federação Portuguesa de Filatelia, os clubes federados e filatelistas, encontram um conjunto de informações importantes da filatelia portuguesa.

Alguma dúvida poderão contactar a FPF pelo e-mail: fpf-portugal@netcabo.pt

AÇORES

Os primeiros povoadores do arquipélago dos Açores vieram do continente. Estes povoamentos surgiram como forma de aproveitamento da localização geográfica, acessibilidade e potencialidade económica de cada uma das nove ilhas. Para além dos seus hábitos e costumes os povoadores também trouxeram a viola, que ao longo dos anos passou por um processo de modificação, culminando com a alteração da sua denominação para Viola da Terra ou Viola dos Dois Corações.

A música tradicional açoriana reflete o isolamento e características peculiares das ilhas, nas quais os povoadores criaram uma maneira própria de viver. A Viola da Terra assumiu ao longo do tempo, grande importância social e cultural, estando presente na maioria das manifestações populares.

Artesanato dos Açores

A cerâmica açoriana demonstra apurado gosto e sentido estético em todos os objetos produzidos nestas ilhas. O barro extraído da ilha de Santa Maria, por vezes misturado com o Terceirense, permite aos oleiros produzirem puras e sublimes peças, utilitárias e decorativas, que enriquecem o património da cerâmica portuguesa.



A indústria cerâmica da Lagoa, com ligações à indústria cerâmica do Norte de Portugal, afirmou-se ao longo do século XIX, dando início à produção

de faiança nos Açores. O fabrico em série de peças pintadas com flores e outros motivos vegetais, são apresentadas na forma de diversos objetos decorativos.

É a partir da segunda metade do século XIX que a produção local de azulejos assume importância, com a fundação das primeiras fábricas nas ilhas de São Miguel e Terceira.

A produção de cerâmica contribuiu claramente para a afirmação da identidade artística açoriana.

Turismo dos Açores

O arquipélago dos Açores é de uma beleza ímpar e oferece condições únicas para o desenvolvimento do turismo sustentável de natureza, pois é graças ao seu maravilhoso património natural que é possível disfrutar de várias experiências únicas. Sendo este local um dos mais privilegiados do mundo, a observação de cetáceos é uma das atividades de excelência que se pode realizar.

Pelo mar deste arquipélago passam mais de um terço das espécies de cetáceos de todo o mundo que podem variar entre espécies residentes e migratórias, sendo possível a observação destes animais durante todo o ano.

Se as condições do mar forem adversas, há a hipótese de observar estes cetáceos através das “vi-



gias da baleia”, antigos postos de observação de apoio na caça à baleia, que hoje se encontram recuperadas para observação por turistas e investigadores.

Instrumentos Musicais Nacionais

Os primeiros povoadores do arquipélago dos Açores vieram do continente. Estes povoamentos surgiram como forma de aproveitamento da localização geográfica, acessibilidade e potencialidade económica de cada uma das nove ilhas. Para além dos seus hábitos e costumes os povoadores também trouxeram a viola, que ao longo dos anos passou por um processo de modificação, culminando com a alteração da sua denominação para Viola da Terra ou Viola dos Dois Corações.



A música tradicional açoriana reflete o isolamento e características peculiares das ilhas, nas quais os povoadores criaram uma maneira própria de viver. A Viola da Terra assumiu ao longo do tempo, grande importância social e cultural, estando presente na maioria das manifestações populares.

Peter Café Sport

Em 1943, José Azevedo (1925-2005), filho do dono do Café Sport, Henrique de Azevedo, foi batizado com a alcunha de Peter pelo comandante do HMS Lusitania II, da Royal Navy. Esta foi a forma do britânico lembrar o filho que estava longe. Em 1918, Henrique de Azevedo fundou o Café Sport no edifício onde ainda hoje funciona.

O espírito internacionalista influenciou o Café Sport, a começar pelo nome – espelho da paixão pelos desportos nutrida por Henrique Azevedo. Atitude de influência britânica, à imagem do sucedido com a grande afeição pelo gin tónico que viria a ser um dos ex-líbris do café, para gáudio dos muitos marujos britânicos que por ali aportavam. Em 1921, juntaram-se-lhes os holandeses de quem recebeu as tintas azul e preta que passaram a embelezar o exterior do café. Mas, tal como os britânicos, também foram decisivos a moldar o espírito do interior quando o desenvolvimento do iatismo deu o impulso decisivo na popularidade do Peter.



Desde o início do século XX, que é para a morada deste café que se envia muita da correspondência destinada aos navegantes, conveniência a que se dá o nome de posta-restante.

Frutas de Portugal - 2.º grupo

Originário da América do Sul, é possível que o saboroso e perfumado maracujá dos Açores tenha chegado ao arquipélago na época dos Descobrimientos, trazido por uma nau carregada de outras espécies exóticas. Este fruto com Denominação de Origem Protegi-



da (DOP), existe em todas as ilhas do arquipélago, seja cultivado ou ocorrendo de forma espontânea, onde se desenvolve e frutifica não requerendo cuidados especiais. O maracujá dos Açores é mais um produto de marca portuguesa com garantia de qualidade.



ARCEBISPOS DE BRAGA

Os CTT apresentaram sexta-feira, 17 de abril, uma nova emissão filatélica de homenagem aos Arcebispos de Braga. Os selos representam retratos de D. Rodrigo da Cunha, D. Frei Caetano Brandão e D. Francisco Maria da Silva.

Esta emissão é o 3º grupo da emissão apresentada em 2017, perfazendo agora doze de um total de dezoito Arcebispos e Senhores da Primacial Arquidiocese Bracarense.

D. Rodrigo da Cunha (1627-1636) foi autor da incontornável História Eclesiástica dos Arcebispos de Braga, a primeira impressa publicada do Arcebispado; D. Frei Caetano Brandão (1790-1805) – o amigo dos pobres que muito investiu na formação, assistência e saúde para os mais desfavorecidos.

D. Francisco Maria da Silva (1964-1977) contemporâneo, com a preocupação cultural do clero e grande desempenho no Santuário de Nossa Senhora do

Sameiro, a par de D. Manuel Vieira de Matos.

O bloco desta emissão filatélica mostra o Santuário de Santa Maria Madalena do Monte – o angulo mais a sul, do denominado “Triângulo Turístico” de Braga. Todos os selos representam os retratos dos mesmos, em pinturas em óleo sobre tela, da coleção Galeria dos Arcebispos e fotografia de Manuel Pitães.

Esta emissão filatélica dos CTT é composta por três selos com o valor facial de 0,53€ cada e uma tiragem de 100 000 exemplares cada, bem como um bloco filatélico com o valor de 2,00€ e uma tiragem de 35 000 exemplares. O design dos selos esteve a cargo do Atelier Design&etc (Túlio Coelho). As obliterações de primeiro dia serão feitas nas lojas dos Restauradores em Lisboa, Município II no Porto, Zarco no Funchal, Antero de Quental em Ponta Delgada e Loja CTT Avenida em Braga.



CTT LANÇAM COLEÇÃO FILATÉLICA DA DC COMICS

Os CTT vão lançar uma coleção filatélica dos filmes da DC Comics, uma das maiores editoras norte-americanas e que conta com algumas das personagens mais famosas do mundo que inclui selos personalizados das personagens: Harley Quinn, Joker, The Flash, Super-homem, Wonder Woman e Batman.



Esta sexta-feira, dia 28 de fevereiro, os CTT apresentam a primeira personagem dedicada a esta coleção filatélica, a Harley Quinn, uma personagem que geralmente aparece como inimiga do super-herói Batman, no universo DC Comics.



A coleção será materializada numa Folha do Colecionador com no formato 30x60cm (que inclui meuselo Harley Quinn) com tiragens limitadas, num carimbo comemorativo e ainda, num Booklet com 4 selos para envio nacional até 20g.



Desde há muito que são reconhecidas as virtudes do selo como fonte de informação sobre os mais diversos temas, desde os patrimónios natural e cultural do País às questões fundamentais do domínio internacional. Ainda assim, a Filatelia tem dado relevância a novas temáticas, nomeadamente aquelas direcionadas a um público mais jovem, permitindo que os mais novos tenham contacto com o mundo dos selos e do colecionismo.

Esta não é a primeira coleção dedicada a estes temas, os CTT lançaram em novembro do ano passado uma emissão dedicada ao universo Harry Potter em parceria com a Warner Bros. Consumer Products e em 2017, em parceria com a The Walt Disney Company Portugal, os CTT lançaram uma coleção de selos dedicada à saga Star Wars.

Os booklets terão o custo de 2,12€ e as folhas de colecionador 7,50€.

Para além desta coleção estarão disponíveis em cerca de 50 lojas CTT, livros e produtos de merchandising dedicados ao tema, tais como porta-chaves e bonecos colecionáveis funk.



DIA MUNDIAL DA LÍNGUA PORTUGUESA

Os CTT apresentaram na terça-feira, dia 5 de maio, uma emissão filatélica que assinala o primeiro Dia Mundial da Língua Portuguesa e os 30 Anos da Associação Internacional das Comunicações de Expressão Portuguesa (AICEP).

Foi em novembro do ano passado que a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) tomou a decisão de reconhecer a importância da língua portuguesa, uma das mais faladas no mundo e a mais falada no hemisfério sul.



Conforme refere António Sampaio da Nóvoa, representante permanente de Portugal junto da UNESCO, na pagela desta emissão, “*como se explica na deliberação da UNESCO, pela sua história, pela sua geografia e pelo seu património lexical, a língua portuguesa é um navio que abriga a diversidade cultural e o diálogo entre as civilizações, e uma ponte que permite estreitar os laços entre as sociedades e diversificar as formas de expressão e de interação.*”



Para Raúl Moreira, Diretor de Filatelia dos CTT, “*no seguimento de muitas outras iniciativas filatélicas que dão destaque a este importantíssimo património cultural da lusofonia, os CTT Correios de Portugal quiseram assinalar o facto com uma emissão de selos postais da República que entra em circulação exatamente a 5 de maio de 2020. Aproveitaram também a oportunidade para evocar na mesma emissão os 30 Anos da Associação Internacional das Comunicações de Expressão Portuguesa (AICEP), que se comemoram igualmente em 2020.*”

Para João Caboz Santana, Presidente da Direção AICEP, “*a Associação Internacional das Comunicações de Expressão Portuguesa (AICEP), é uma associação internacional de carácter não-governamental e sem fins lucrativos, que tem por objeto promover o estreitamento das relações entre os seus membros de modo a contribuir para a harmonização e modernização das comunicações dos países de língua portuguesa, designadamente através de ações de formação e de cooperação para o desenvolvimento. Sempre a convergir, a AICEP comemora 30 anos de existência em 2020 e aproveita esta efeméride para saudar muito efusivamente a criação do Dia Mundial da Língua Portuguesa.*”

Esta emissão filatélica é composta por dois selos com uma tiragem de 100 000 exemplares cada e o valor facial de 0,65€ e 0,91€. O design dos selos esteve a cargo do Atelier Design & e etc os selos têm um formato de 40X30,6mm.

As obliterações de primeiro dia serão feitas nas lojas dos Restauradores em Lisboa, Município II no Porto, Zarco no Funchal e Antero de Quental em Ponta Delgada.



SELOS AUTOADESIVOS DA MADEIRA

Os CTT lançaram no mês de janeiro uma emissão de selos autoadesivos sobre vários temas como, instrumentos musicais nacionais, brinquedos antigos, a festa da flor, castelos e fortificações e frutas de Portugal, todos relacionados com a Madeira.

Nesta emissão filatélica, o instrumento musical nacional representado é uma das imagens de marca da Madeira, o brinquedo ou bailinho. É um instrumento de percussão de fabrico artesanal, utilizado pelos grupos folclóricos para marcar o compasso e como acompanhamento de vozes e música. A sua origem poderá estar num instrumento usado no Minho e no Douro – a charola ou cana de bonecos.

Até à primeira metade do século XX, os dois grandes polos de produção





de brinquedos situavam-se em Lisboa e no Porto, predominando os brinquedos feitos de pasta de papel, madeira, chumbo, folha-de-flandres e ferro. Um dos casos de maior êxito foi o carro em miniatura, representado em selo nesta emissão, chegando a ser líder no mercado mundial do fabrico de miniaturas, sendo o táxi português o que reuniu o maior sucesso.

Na Primavera celebra-se na Madeira, a Festa da Flor, representada em selo, como forma de homenagear estas maravilhas da natureza. Esta iniciativa é muito acarinhada pelos residentes e pelos turistas. Este evento prolonga-se por cerca de uma semana e integra cortejos alegóricos, concursos florais de montras e jardins floridos, construção de tapetes florais e a cerimónia do “Muro da Esperança” onde as crianças desfilam com uma flor e a depositam no “Muro da Esperança”, na Praça do Município, no Funchal.



A Fortaleza de São João Baptista, situada no Funchal, foi edificada na segunda metade do século XVII, sob a égide da dinastia Filipina. Em meados do século XX, a Fortaleza de S. João Baptista do Pico foi entregue à Marinha que ali instalou o Centro de Comunicações da Armada, ficando conhecida popularmente por Pico-Rádio. A Fortaleza mantém a sua estrutura original, de traça maneirista e com quatro baluartes pentagonais.

Por fim, o último selo da emissão é sobre um fruto denominado Anona da Madeira, provavelmente originária do Peru e do Equador e foi introduzida na Madeira no século XVII pelos Madeirenses que voltavam da América do Sul, no seguimento da descoberta de novos territórios. Em 2000, a União Europeia concedeu à Anona da Madeira o estatuto de Denominação de Origem Protegida.



Esta emissão filatélica é composta por quatro selos para envio na Europa até 20g, com uma tiragem de 240 000 cada. O design dos selos esteve a cargo de Túlio Coelho do Atelier Design&etc.

As obliterações de primeiro dia serão feitas nas lojas dos Restauradores em Lisboa, Município II no Porto, Zarco no Funchal e Antero de Quental em Ponta Delgada.



OS 500 ANOS DA PASSAGEM DO ESTREITO DE MAGALHÃES

Os CTT apresentaram quarta-feira, dia 18 de março, uma emissão filatélica dedicada aos 500 anos da passagem do estreito de Magalhães, a primeira viagem de circum-navegação, iniciada por Fernão de Magalhães e finalizada por Sebastian Elcano.

Este feito histórico e extraordinário constitui, cinco séculos depois, um património de toda a humanidade, um capital simbólico e intelectual de valor universal que se man-



tém vivo em diversos acontecimentos. Uma das descobertas mais marcantes foi a de uma passagem entre o Atlântico e o Pacífico, contribuindo decisivamente para a primeira circum-navegação e demonstrando a possibilidade de uma rota a ligar todos os mares.



Esta descoberta teve também um papel decisivo na criação de uma visão global do mundo em diversas dimensões. Os selos e o bloco desta emissão mostram-nos Fernão de Magalhães, em pintura de António Men-

nendez, de 1970; fotografias do Estreito de Magalhães em mapa do início do séc. XVII; A nau Victoria em mapa de 1595; estátua de Fernão Magalhães em Punta Arenas; e um mapa com destaque para o Estreito de Magalhães.

Esta emissão filatélica é composta por dois selos com uma tiragem de 100 000 exemplares cada e o valor facial de 0,53€ e 0,91€; e um bloco filatélico com um selo no valor de 2,00€ e uma tiragem de 35 000 exemplares. O design dos selos esteve a cargo do Atelier Folk Design e os selos têm um formato de 40X30,6mm.



MUSEUS CENTENÁRIOS DE PORTUGAL

Os CTT apresentaram no dia 30 de março, uma emissão filatélica dedicada aos museus centenários de Portugal que acompanha o lançamento do segundo volume de Museus Centenários de Portugal, que percorre as doze instituições fundadas entre 1905 e 1918.

O Museu de São Roque foi inaugurado em 1905, em Lisboa. Ourivesaria, paramentaria, pintura, escultura, relicários e arte oriental constam hoje entre os núcleos mais expressivos deste rico museu.



O Museu Nacional dos Coches foi aberto ao público em maio de 1905 no antigo Picadeiro Real do Palácio de Belém, reúne viaturas de aparato, atavios equestres, fardamentos, arreios e pintura. Desde 2015 que se encontra num novo edifício.



O Museu Francisco Tavares Prouença Júnior foi criado em 1910, meses antes da procla-

mação da república, por iniciativa do arqueólogo que mais tarde lhe deu o nome. Os núcleos de arqueologia, de colchas históricas de Castelo Branco e o acervo artístico do Paço Episcopal, casa-mãe deste museu desde 1971, justificam bem a ida ao museu.



mais de lá saiu. Arte sacra, tapeçarias flamengas e arqueologia são três dos pontos altos de uma coleção surpreendente.

Criado em 1918, o Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa ganhou



Situado no Chiado, em Lisboa, o Museu Nacional de Arte Contemporânea foi fundado em 1911 e instalado provisoriamente no antigo Convento de São Francisco, onde permanece até hoje. Este museu reúne a coleção mais abrangente de arte contemporânea portu-



guesa.

Criado em 1911 por um decreto da República, o Museu de Aveiro / Santa Joana foi sediado no antigo Convento de Jesus da cidade. Construiu a sua identidade em torno da figura de Santa Joana Princesa (1452-1490), que aí viveu e morreu.



A escultura e a ourivesaria sobressaem entre as coleções do vasto acervo do Museu Nacional de Machado de Castro, nascido em Coimbra no ano de 1911.



O Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo, em Évora, foi fundado em 1915 em torno das coleções reunidas por Frei Manuel do Cenáculo (1724-1814) na Biblioteca Pública da cidade de Évora.



Inaugurado no ano de 1915 e sediado no antigo Paço Episcopal de Bragança, o Museu do Abade de Baçal é um verdadeiro repositório de memórias da vasta região em que se insere: o nordeste



transmontano.

A arte sacra tem o papel principal no Museu Nacional Grão Vasco, fundado em 1916. Entre a coleção de pintura, de todas a mais expressiva, emergem os retábulos do pintor Vasco Fernandes (c. 1475-1542), o (grande) Grão Vasco. Em torno da figura de Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905) nasceu em Lisboa, no ano de 1916, o primeiro museu monográfico do país.



O acervo do Museu Bordalo Pinheiro tem por base a obra gráfica e cerâmica do artista. Fundado em 1917, o Museu de Lamego foi sediado a título provisório no antigo paço episcopal da cidade e nunca



nova vida com as escavações da antiga cidade romana de Bracara Augusta, iniciadas em finais da década de 1970. Dotado de laboratório próprio, o novo edifício acolhe um vasto acervo centrado num arco temporal que se estende do Paleolítico à Idade Média.

Esta emissão filatélica é composta por doze selos com uma tiragem de 100 000 exemplares cada para envio nacional até 20g. O design dos selos esteve a cargo do AF Atelier.



NUMISMÁTICA PORTUGUESA

Mário de Gouveia
Imprensa Nacional-Casa da Moeda
Museu Casa da Moeda

A moeda é um objeto que nos permite fazer uma fascinante viagem no tempo. Nas suas múltiplas formas, ela fala-nos de política e instituições, de economia e sociedade, de língua e cultura e até de religião e filosofia. Arte e técnica aliam-se de forma perfeita neste objeto portátil e duradouro cujas faces contêm chaves que descodificam a história. Compreendendo o seu inestimável valor, os CTT, em parceria com a INCM, apresentam-lhe em 2020 uma série filatélica alusiva às moedas cunhadas no território português em tempos pré-nacionais, percorrendo 1350 anos de história do ocidente peninsular, da Antiguidade à Idade Média.

Esta série filatélica recorda tempos em que o poder utilizava a moeda para resgatar velhas memórias e construir novas identidades. Encontradas em escavações arqueológicas ou integrando acervos museológicos portugueses, as moedas representadas nos selos são uma fonte de informação muito importante sobre as sociedades do passado, agora também recordadas numa emissão em que a filatelia dialoga de perto com a numismática.

A moeda pré-romana é um asse de bronze cunhado em Alcácer do Sal nos séculos II-I a.C. (MNA 2005-182-3). Mostra dois golfinhos, à esquerda, e cabeça de Hércules-Melkart, à esquerda, com pele de leão e bastão no ombro, com letreiros pré-latinos.



Associando as culturas indígena e mediterrânea, esta moeda evoca símbolos ligados a velhos mitos e lendas marítimas.

A moeda romana é um dupôndio de bronze batido em Évora em 27 a.C.-14 d.C., sob Augusto



(MNA 2014-23-3). Mostra pátera, aspergilo, jarro, símpulo e faca, com o letreiro LIBERALITAS IVL EBOR («Liberalidade Júlia Évora»), e cabeça de Augusto, à esquerda, com o letreiro PERMISSV CAESARIS AVGVSTI P M («Sob permissão de César Augusto, pontífice máximo»). Os objetos referem-se a cultos em que o princeps representa a unidade política e religiosa do Império Romano.

A moeda sueva é uma siliqua de prata cunhada em Braga em 448-456, sob Requiário (AHMP, CMP 1814-2). Mostra cruz de pé alto envolvida por coroa de louros, com as letras B-R e, em baixo, palma, com o letreiro IVSSV RICHIARI REGES («Por ordem de Requiário, rei»), e busto de Honório, à direita, com o letreiro D N HONORIVS P F AVG («Nosso senhor Honório, pio, feliz, agosto»). Pela primeira vez na história, um rei bárbaro cristão, aspirando à legitimação, manda cunhar moeda com o seu próprio nome.



A moeda visigoda é um triente de ouro batido em Idanha-a-Velha em 710-711, sob Rodrigo (INCM, MCM 3871). Mostra cruz sobre três degraus, com o letreiro + EGITANIA PIVS («Idanha, pio»), e busto de Rodrigo, em posição frontal, com o letreiro + IN D NERVDERICVS RX («Em nome de Deus, Rodrigo, rei»). A cruz e o rei recordam que a realeza é uma instituição sagrada e que o rei é um guerreiro ligado a tradições ancestrais.



AS RAÇAS AUTÓCTONES DE PORTUGAL

Os CTT apresentaram no dia 6 de fevereiro, uma emissão filatélica sobre raças autóctones de Portugal, dando continuidade às coleções de 2018 e 2019 e demonstrando a riqueza do património português e o desafio da sua conservação.

Apesar das mudanças no mundo rural, estas raças apresentadas em selos, têm ainda um papel de relevo a desempenhar, seja na produção de carne, na prevenção de incêndios, no turismo e lazer ou ainda como parte de um ecossistema que se quer completo e em equilíbrio.

Dos equinos, estão representados nesta emissão o Cavalo Sorraia e o Cavalo Garrano. Os primeiros são uma população que foi recuperada a partir de um pequeno núcleo de animais encontrado no vale do rio



Sorraia. A raça encontra-se classificada como “particularmente ameaçada” já que o efetivo atual ronda os duzentos animais. O Cavalo Garrano, historicamente



utilizado na agricultura e no transporte, tem atualmente um papel importante em atividades lúdicas, turísticas e terapêuticas. Por ser criado em liberdade, desempenha também um papel fundamental no ecossistema do qual faz parte.

Dos caprinos, estão representados em selos a Cabra Algarvia, um animal que está tão bem adaptado à paisagem que se confunde com ela. Explorada exclusivamente para a produção de carne, recentemente a cabra Bravã também tem sido utilizada em programa de prevenção de incêndios, já que consegue consumir a vege-



tação em zonas de muito difícil acesso; e a Ovelha Churra Algarvia, que desce cedo se distinguiu pela corpulência, sendo atualmente criada em regime extensivo para a produção de carne.

Por fim, esta emissão apresenta dois selos do grupo dos bovinos: o Touro Garvones e a Vaca Maronesa. Utilizada tradicionalmente no trabalho agrícola, a raça Garvonesa está hoje classificada com “particularmente ameaçada”, em virtu-



de do reduzido número de animais existentes, detidos por menos de dez criadores. Atualmente é explorada em regime extensivo, de pastoreio, para a produção de carne. A raça Maronesa historicamente, foi muito utilizada no trabalho agrícola, sendo hoje em dia uma raça que se distingue na produção de carne, sobretudo de vitela.



Esta emissão filatélica é composta por seis selos e uma folha miniatura com seis selos. Todos os selos têm uma tiragem de 100 000 exemplares cada e há dois selos com o valor facial de 0,53€; dois com o valor facial de 0,86€; e outros dois selos com o valor facial de 0,91€.

O design dos selos esteve a cargo da Carla Caraça Ramos dos CTT e as ilustrações de Carlos Medeiros.



VULTOS DA HISTÓRIA E DA CULTURA

Os CTT apresentaram esta quarta-feira, dia 19 de fevereiro, uma emissão filatélica dedicada a figuras históricas que, em diversas áreas, marcaram a identidade e a história de Portugal. Este ano a emissão filatélica celebra o poeta António Ribeiro Chiado, o escritor Ruben A., o historiador de cartografia Avelino



Teixeira da Mota, o dramaturgo Bernardo Santareno e os pintores Cruzeiro Seixas e Nadir Afonso.

António Ribeiro Chiado (1520-1591) foi um impiedoso cronista social. Notabilizou-se ao denunciar de forma jocosa os vícios de Lisboa e do reino. Apesar de ser autor de obra de qualidade irregular e de não deixar de criticar as intrigas palacianas, representou o Auto da Natural Invenção perante D. João III.

Ruben A., nome por que respondia o escritor, ensaísta e historiador Ruben Andresen Leitão (1920-1975). Predicados evidenciados nos romances *O Caranguejo* (1954), *A Torre de Barbelá* (1965) e também no póstumo *Kaos* (1982), os dois últimos de cariz histórico. Registo em que deixou como obra maior a biografia de D. Pedro V (1950), escrita quando era professor de língua e cultura portuguesas no King's College, de Londres.



Avelino Teixeira da Mota, logo aos 23 anos, impressionou os professores da Escola Naval, para onde entrara quatro anos antes, em 1939, com um meticuloso estudo sobre os problemas técnicos da viagem de circum-navegação de Fernão de Magalhães.

Era o primeiro sinal do legado de Avelino Teixeira da Mota (1920-1982) na história da cartografia náutica e das relações entre Portugal e África. A ele se deve a desmitificação da existência da Escola de Sagres.

Bernardo Santareno, o tempo como médico nos bacalhoeiros, narrado no volume *Nos Mares do Fim do Mundo* (1959) e nesse ano vertido na peça teatral *O Lugre*, ajudou Bernardo Santareno (1920-1980) a definir com mais precisão a amplitude dramática da sua obra. Iniciado na escrita através da poesia, o homem nascido António Martinho do Rosário, em Santarém (de que cooptou o apelido), é por muitos considerado o maior dramaturgo português do século XX.



Cruzeiro Seixas, fiel aos princípios fundadores do surrealismo, de que é um dos percursores em Portugal, o pintor, escultor e poeta Artur Cruzeiro Seixas (1920) sempre viu esta corrente artística mais como modo de agir do que de parecer.

Em vez de resultar de uma pulsão, a criação artística é para Nadir Afonso (1920-2013) a consequência de um processo de apreensão do real e de busca do absoluto através de harmónicas leis matemáticas e geométricas. Abordagem que acompanhou o pintor ao longo de quase oito décadas de carreira e se foi depurando até ao derradeiro período fractal, onde as linhas reproduzem as grandes metrópoles do século XXI. Um percurso coerente de um arquiteto que, em 1946, rumou a Paris para estudar pintura e acabou a trabalhar com o colega Le Corbusier, o pai do urbanismo moderno. Mas também teve oportunidade de o fazer com Óscar Niemeyer, em São Paulo, entre 1951 e 1954.



Durante muitos anos, até ao advento do caminho de ferro (em Portugal, o primeiro comboio circulou em 1856), o transporte do correio andou de mão dada com a construção das estradas. De Lisboa ao Porto, por estrada, o trajeto fazia-se em 34 horas e utilizava 23 estações de muda. Por comboio (e desde junho de 1864 que o comboio já ligava Lisboa a Gaia), o mesmo percurso realizava-se em 14 horas.



Fora deste eixo fundamental, Lisboa-Porto, (que incluía Caldas da Rainha, Condeixa, Leiria, Coimbra, etc.), os trajetos das cartas e encomendas faziam-se primeiro através da utilização de almocreves ou recoveiros que esperavam pelo "correio" nas localidades do eixo principal e se faziam à estrada (quando a havia) com a sua "rédua", caravanas de mulas que tanto levavam cartas como mantimentos para Braga, para Guarda, para Viseu. Já em meados do século XIX, generalizaram-se os serviços particulares de diligências que ligavam as cidades mais interiores do país. Um dos primeiros foi a Companhia de Viação Portuense com trajetos para Braga e Guimarães logo em 1860. As Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira tinham problemas de transporte específicos. A utilização do transporte marítimo para o envio de correspondência para as Ilhas estava prevista já em regimentos antigos que pré-datavam a criação do primeiro correio-mor. Mas foi apenas em 1821 que D. João VI procede à criação oficial do correio marítimo para os Açores e a Madeira.



No interior das diferentes ilhas, a circulação de cartas ou encomendas era assegurada por particulares ou serviços camarários que contratavam caminheiros ou almocreves, tal como acontecia no Continente. Devido ao relevo muito acidentado e à inexistência de caminhos, muitas vezes o barco era utilizado como a forma mais simples de dar a volta à ilha.



Desde 1871 que as ilhas dos Açores eram ligadas pelos navios da Empresa Insulana de Navegação, a bordo dos quais também seguia o correio. Esta companhia tinha um contrato com o estado português e os seus navios vinham a Lisboa com regularidade.

A partir de 1918, e devido à sua posição geoestratégica no meio do Atlântico Norte, o arquipélago dos Açores foi muitas vezes utilizado como ponte de escala ou base operacional de vários voos em hidroaviões que tinham por objetivo assegurar a travessia entre o Norte da América e as ilhas britânicas. Mas os serviços aéreos regulares com o Continente e a Madeira apenas se estabeleceram (com transporte de correio) a partir de 1937.



O Porto do Funchal foi estabelecido no ano de 1756 por carta régia emanada por D. José I. Mas apenas a partir de 1878, a Insulana passou a visitar a ilha da Madeira com regularidade e transportando o correio, por força de mais um contrato governamental que se manteve válido até 1914.

Serviços de Filatelia



Quando os mensageiros eram funcionários das casas reais, dos grandes nobres e dos senhores arcebispos, abades e outros príncipes da Igreja, o transporte das missivas era feito a pé ou a cavalo, mais tarde pelas diligên-

cias da mala-posta, depois pelas ambulâncias ferroviárias ou utilizando o navio nos trajetos mais longos. Estes meios de transporte eram muitas vezes complementares.

Imaginemos que o rei D. João III desejava enviar uma mensagem importante para Henrique VIII, prosseguindo a sua política de fomento das relações entre Portugal e Inglaterra. A carta da corte de Portugal para Inglaterra normalmente seguia em mão, por emissário da "puridade" da casa real que se deslocava em navio de Lisboa para Londres com o seu cavalo a bordo. Ali chegado, fazia a cavalo o resto do trajeto até ao Palácio de Whitehall (Westminster) onde se podia encontrar o rei e a corte inglesa entre 1530 e 1698. Para que o meio de transporte do correio evoluísse, e passasse a ser utilizada a carruagem mala-posta nos trajetos, foi primeiro necessário que se construíssem estradas ou caminhos que permitissem a passagem.

COMO COMPRAR OS SELOS NO CORREIO DE PORTUGAL

O estimado leitor pode comprar estas séries de selos, que publicamos abrindo uma conta corrente na Direcção de Filatelia dos Correios de Portugal.

Comodamente os mesmos ser-lhe-ão enviados para casa. Passa a ter na sua colecção peças de grande beleza e que serão um excelente aforro.

Em baixo enviamos os contactos necessários para o fazer, podendo igualmente esclarecer as suas dúvidas.

FILATELIA

Rua João Saraiva n.º 9
1700 – 248 LISBOA
PORTUGAL

Telefone: (351) 21 0470 666
email: filatelia@ctt.pt
site: www.ctt.pt

PLANO DE EMISSÕES DE SELOS (BASE E COMEMORATIVOS) 2020

EMISSÕES 2020

- 1) **A Emissão de selos da Base iniciará em 2020 o tema da "Numismática Portuguesa – Moedas cunhadas no território que hoje é Portugal, desde a antiguidade".**
- 2) **Emissões Comemorativas (por ordem estimada de 1º dia de circulação)**
 - Raças Autóctones de Portugal (3ª Série)
 - Vultos da História e da Cultura (*Ruben A. Leitão; Avelino T. Mota; Cruzeiro Seixas; Nadir Afonso; B. Santareno; António R. Chiado*)
 - Museus Centenários de Portugal (2ª Série)
 - Lisboa, Capital Verde de 2020
 - 500 Anos da Passagem do Estreito de Magalhães
 - 75 Anos da TAP
 - Terras de Barroso: Património Agrícola Mundial da ONU/FAO
 - Dia Mundial da Língua Portuguesa – UNESCO (ligado aos 30 Anos AICEP)
 - Europa - Rotas do Correio Antigo
 - Lugares de Romaria, de Festa e de Fé (Santuários de Portugal)
 - Madeira (Tema a definir)
 - Açores (Tema a definir)
 - IV Exposição Agrícola da Real Tapada da Ajuda 2020
 - 150 Anos dos Cabos Submarinos
 - 200 Anos da Descoberta da Antártida
 - 75 Anos das Nações Unidas e a Iniciativa UN 2020
 - Centenário do Nascimento de Amália Rodrigues
 - Gastronomia Tradicional do Mediterrâneo - EURO-MED
 - 250 Anos do Nascimento de Ludwig Van Beethoven
 - 175 Anos da Escola Naval
 - 100 Anos da Base Aérea de Sintra
 - 800 Anos das Primeiras Inquirições de D. Afonso II
 - Ano Internacional da Saúde das Plantas UNESCO
 - Super-Heróis
 - Roteiro Pré-Histórico (2ª série)
 - Arcebispos de Braga (4ª série)
 - Lubrapex (Emissão conjunta Portugal – Brasil, evocando D. Manuel I)
 - 500 Anos do Correio (5ª e última serie) – O Correio do Futuro
 - 300 Anos da Fundação da Academia Real da História

ABÍLIO MARÇAL UM REPUBLICANO DÁS BEIRAS O Homem, o Político e a Obra

Este livro de autoria de Pedro Vaz Pereira, Presidente da Federação Portuguesa de Filatelia, não é um trabalho filatélico. Contudo a Filatelia Lusitana tem há muitos anos, uma política editorial de publicar todos os trabalhos não filatélicos, escritos por filatelistas.

Abílio Marçal foi um dos grandes republicanos da 1ª República.

Este trabalho, prefaciado pelo Sr. Professor Guilherme de Oliveira Martins, é a biografia possível e completa deste republicano, apresentada num trabalho com 476 páginas.

Nele conta-se o percurso político e social deste grande vulto da 1ª República, nascido em 1867, na aldeia de Cernache do Bonjardim e que em 1920 foi eleito Presidente da Câmara dos Deputados.

Neste trabalho são também abordados inúmeros factos históricos da pré-República e republicanos, nos quais Abílio Marçal participou e onde se dá destaque aos grandes acontecimentos de 1910 a 1926.

Este livro é uma edição conjunta da Câmara Municipal da Sertã e do Clube Bonjardim.

A pedido da Câmara Municipal da Sertã, os Correios de Portugal irão associar-se a este evento, emitindo um bonito bilhete-postal ilustrado, comemorativo dos 100 anos de Abílio Marçal, como Presidente da Câmara dos Deputados.

O lançamento do livro e do bilhete-postal, estiveram previstos para o dia 21 de Maio na Assembleia da República e depois na Sertã.

Porém e dada a pandemia do COVID-19, foi decidido passar esta apresentação para Outubro deste ano, esperando que tal se possa concretizar, em função da evolução da pandemia.



Livro - **ABÍLIO MARÇAL, UM REPUBLICANO DAS BEIRAS**
O Homem, o Político e a Obra.



Bilhete Postal a emitir pelos Correios de Portugal, comemorativo dos 100 anos de Abílio Marçal como Presidente da Câmara dos Deputados.





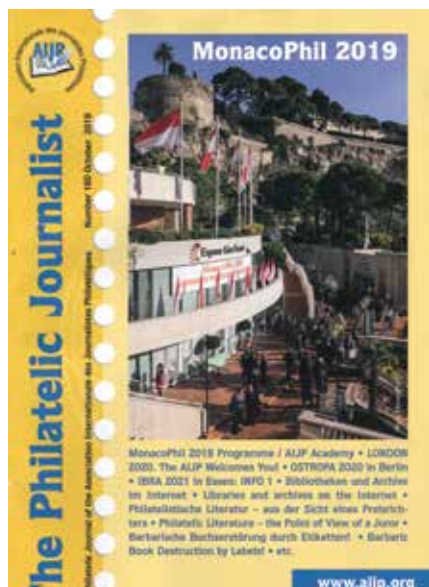
Foram recebidos mais dois números da The Philatelic Journalist, revista oficial da Associação Internacional de Jornalistas Filatélicos.

Os jornalistas filatélicos são uma força importante, na filatelia internacional.

Nestes dois números de Outubro de 2019 e Março de 2020, são publicadas um conjunto de notícias, umas que aconteceram e outras que infelizmente nunca acontecerão.

Continua a ser uma revista interessante e de grande utilidade, pelo tratamento que dá à Literatura e à sua importância.

Wolfgang Maassen continua a publicar esta revista, de relevante importância para a filatelia, pelo que o congratulamos pela sua dedicação e esforço.



ARGE – PORTUGAL

Reinhard Kuehler

Die Briefmarken von Timor Leste seit 2000 - Philatelie und Postgeschichte



Arbeitsgemeinschaft Portugal und ehemalige Kolonien e.V. im Bund Deutscher Philatelisten e.V.

Digitale Bibliothek - Nr. 3 (2020)

Bundesarbeitsgemeinschaft Portugal und ehemalige Kolonien e.V.

Moderne Angola-Philatelie



Heft 13 - Mai 2020 - Jahrgang 5

Mais duas publicações digitais foram publicadas. Uma delas é interessantíssima porque conta toda a história postal da recente filatelia de Timor independente.

A outra é toda ela dedicada à filatelia de Angola.

Estas revistas podem ser recebidas nos nossos computadores.

Para tal basta solicitá-lo a Reinard Kuechler e-mail

reinhardkuechler@yahoo.de.

BENGALAS (Backel und Bummler)



É a colecção e uma obra de uma vida, que aqui deixo assinalada, para que os filatelistas portugueses colecionadores de bengalas, fiquem a conhecer a sua existência e se quiserem possam vir a apreciar.

Felicitoo vivamente Michael Jess pelo excelente e inédito estudo, que publicou.

Os filatelistas não são muitas vezes só colecionadores de material postal, mas juntam a este colecionismo muitos outros.

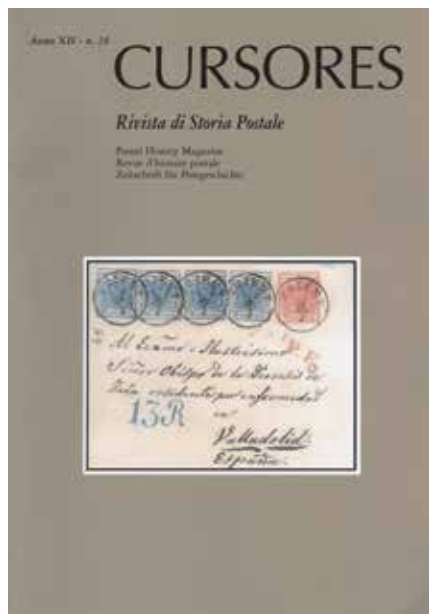
Um amigo Michael D. Jess, acaba de publicar um interessante livro sobre bengalas.

Esta é uma extraordinária colecção, onde em 183 capítulos descreve as bengalas, com os brasões e figuras de cada uma das regiões da Alemanha.

Estamos perante um estudo de grande rigor e profundidade, que Michael Jess nos legou numa obra, onde é apresentado um conjunto de raríssimas bengalas.



CURSORES



Foi publicada mais uma revista CURSORES, da Associação Italiana de História Postal.

Esta revista é uma das melhores publicações, de História Postal do mundo.

Apresenta-nos um magnífico conjunto de excelentes artigos versando diversas áreas da História Postal.

Só lendo a revista, poderemos constatar da riqueza e qualidade da mesma.

Luca Lavagnine, Presidente da AISP, está de parabéns por ter prosseguido com esta publicação de grande qualidade, iniciada pelo saudoso Angelo Simontachi.

FEPa NEWS



HM Queen Elizabeth II visits RPSL on its 150th Anniversary and meets Dr Alan Huggins, First President of FEPa

Como diz o velho ditado, “Rei Morto Rei Posto”!

Durante 6 anos José Ramon Moreno e a sua equipa, publicaram uma excelente revista, repleta de notícias da Europa, onde a importância da filatelia do nosso Continente, ficou bem demonstrada.

Eleita uma nova Direção da FEPA e em especial um novo Presidente, Bill Hadley, este número apresenta-se dentro da mesma excelente qualidade, que os anteriores. Pleno de interessantes e importantes notícias da Europa, continua a fazer o intercâmbio filatélico e cultural, entre as 43 Federações Nacionais Europeias.

Informaram-me, que a parte editorial e concepção seriam mudadas. Nada contra, desde que seja para melhor. Esperemos então.

Museu de São Roque



A história do Museu de São Roque é indissociável da história do lugar. Inaugurado a 11 de janeiro de 1905 na antiga Casa Professa da Companhia de Jesus, edifício adjacente à Igreja de São Roque, o museu começou por girar em torno de um núcleo extraordinário de arte sacra italiana do século XVIII, fruto de uma «encomenda prodigiosa» de D. João V (1689-1750) a Roma, à época o mais importante centro artístico da Europa: o Tesouro da Capela de São João Baptista. Quando, na sequência da viagem de Vasco da Gama (c. 1469-1524), Lisboa passou a ser a porta para o Oriente, a população da cidade aumentou de forma surpreendente. Sem condições de salubridade para albergar todos estes novos habitantes em busca de oportunidades de negócio, rapidamente a sí-

filis se propagou pela cidade, assolada também pelo tifo e pelo flagelo da peste bubónica. Em desespero de causa, D. Manuel (1469-1521) solicitou a Veneza uma relíquia de São Roque, santo milagreiro, protetor dos pestíferos. Em torno dessa relíquia, nascia a Ermida, local primeiro de culto de uma irmandade que, a partir de 1506, se perpetuaria no tempo. À sua volta, e já fora das muralhas da cidade, crescia o Bairro Alto de São Roque, paredes-meias com o cemitério, onde se enterravam as vítimas dos surtos de peste.

Esta obra pode ser adquirida nos CTT, filatelia@ctt.pt

PORTUGAL-PHILATELIE



Mais uma excelente revista sobre filatelia portuguesa, na PORTUGAL-PHILATELIE.

Foi publicado um excelente estudo do selo do rei D. Diniz, vulgarmente conhecido por “cavalinho”, notícias sobre o congresso do clube, emissões filatélicas portuguesas, informação sobre emissões relativas aos 500 anos da viagem de Fernão de Magalhães, outro excelente artigo de Évora Património da Humanidade. Aborda ainda diversos aspectos da cultura portuguesa, como os bonecos de Estremoz, o Cante Alentejano, o 200 anos do Convento de Mafra e ainda o célebre forte da Graça em Elvas. A revista termina com dois apontamentos de História Postal, um da colecção de Erivan Haub, sobre duas cartas enviadas de Lisboa para Constantinopla e um outro sobre 3 cartas enviadas dos

monges da Ordem de Salettiner para a Suíça.

Uma revista com artigos de grande interesse e que muito divulga a filatelia de Portugal.

Felicitemos vivamente o seu Presidente Michael Ehrig e aos seus assessores Norbert Kügler e Christian Schlachetzi pela excelente revista que agora publicaram.

SELOS E MOEDAS

A Secção Filatélica e Numismática do Galitos de Aveiro, apresentou-nos mais um número da revista mais antiga, que se publica em Portugal por clubes federados.

Este já é o número 157! Falta o Mestre Jorge Fernandes, mas os alunos aprenderam e continuam na senda do Mestre!

Um conjunto inéditos de artigos, onde desta vez sobressaem muitos de numismática, o que revela bem a crise, direi mais, a preguiça que sempre revelaram os filatelistas portugueses para escrever.

Contudo são publicados dois excelentes artigos históricos, que vale a pena guardar na parte histórica das nossas bibliotecas, sendo um sobre os Grão-Mestres da Ordem de Malta e um outro sobre o “escudo”, enquanto moeda republicana.

Felicitemos João Santos por continuar com o Selos e Moedas, com a qualidade a que nos tinha habituado o Mestre Jorge Fernandes.

VALE DO NEIVA FILATÉLICO



Mais um número foi publicado, pela Associação de Filatelia e Coleccionismo do Vale do Neiva. Continua a ser uma das melhores revistas, que se publicam na filatelia portuguesa.

Apresenta-nos uma excelente reportagem sobre a grande exposição



Atlantic-Alpen Adria, realizada em Viana do Castelo e onde o clube teve uma intervenção muito importante na sua organização.

Publica a continuação do artigo sobre História Postal, relativo aos 100 anos de Correio no Concelho de Viana do Castelo (1880-1980), e ainda um artigo de Maximafília de Américo Rebelo.

Muita outra informação foi publicada, a abarcar diversos eventos. Podemos também ler com agrado o habitual artigo a lembrar o passado, porque a história só se faz com passado.

Felicitemos este clube federado pelo meritório trabalho que agora publicou.

CÁBULA FILATÉLICA

A Secção Filatélica da Associação Académica de Coimbra, publicou os números 36 e 37 da sua Cábula Filatélica.

Apresenta-nos sempre muitos e interessantes artigos, que são uma mais valia cultural para os estudantes e não só. Temos Monarquia do Norte, correio ferroviário, Grande Guerra, colecionismo de paliteiros, reportagens, aniversário do nosso 1º Nobel Egas Moniz, a filatelia no cancro, Arnaldo Garcez, esse grande fotógrafo dos inícios do século XX e muitas outras notícias, que tornaram as duas revistas cheias de interesse.

AS VACAS DO SENHOR REITOR

Contudo desta vez tenho que destacar a polémica criada pelo Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra, que deu origem um excelente artigo de po-

lémica coimbrã, do meu colega Nuno Cardoso, com o título na capa **AS VACAS DO SENHOR REITOR**. Quem me conhece sabe bem, que sempre gostei de polémicas, e que considero-as o sal e a pimenta da vida, pelo que não podia ficar indiferente a tal título.

O meu colega Nuno Cardoso é licenciado em Matemática, pela Universidade de Coimbra, mas optou por se dedicar à agricultura. Feita esta explicação, vamos então ao caso das **VACAS DO SENHOR REITOR**.

Ora o nosso Nuno Cardoso, criador de vacas, que todos os dias são ordenhadas e produzem carne para os bifés, que todos adoramos, não podia ficar indiferente a esta afronta do Grande Reitor!!!! Então lá porque as vacas se descuidam, de vez em quando, é agora razão para se deixar de comer os animaizinhos!!! Pois era isto, que o

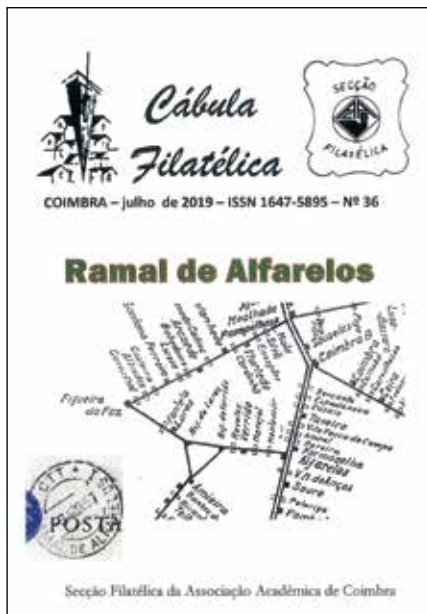
Grande Reitor pretendia, preocupado com o ambiente e com o efeito estufa. Pelos vistos, a bem do ambiente, matam-se as vacas todas e não se comiam na Universidade de Coimbra mais bifés de vaca, com ovo a cavalo, e se possível, porque não, no mundo inteiro!!!

Não resisti a publicar partes do texto indignado, que o Nuno Cardoso faz a respeito das **VACAS DO SENHOR REITOR**:

«Tenho a declarar que sou produtor pecuário.

Dito isto, obviamente que venho falar sobre o já famoso discurso do nosso Magnífico e “mata-vacas” Reitor.

Considero este discurso um erro por dois grupos de razões de gestão e de ambiente. Foi triste ver a chuva de críticas ao nosso Reitor vindo dos mais variados sectores, e com razão, mas



aposto que no dia e pela assistência foi aplaudido. Basta ver que a Direcção Geral da ACC veio apadrinhar a malfadada decisão.

Se existe legitimidade para decidir não ter carne de vaca no menu das cantinas dos estudantes da Universidade de Coimbra, já a poupança obtida se resume a trocos. No séc. XVI o Reitor decidia em que dia e o número de vacas a matar no matadouro da cidade para alimentar os estudantes e professores da Universidade, agora decide o que comprar sujeito aos condicionalismos dos concursos públicos. Se os concursos não servem, mudem-se os concursos.....

Todo este alarido em torno das emissões de gases de efeito estufa pelas vacas (pecuária em geral) começa com um erro de números. Foi corrigido mas o mal perdura. E vem o senhor Reitor e repete que a culpa é das vacas. Mereceu o cognome.

Dizer a uma plateia de meninos e meninas de 18 anos, certamente urbanos que nunca cheiraram uma vaca, que a culpa é das vacas tem tanto resultado na protecção do ambiente como dizer que a culpa é dos pinguins ou dos nudibrânquios...

No pior cenário, toda a pecuária, que inclui todos os animais usados na alimentação humana (bovinos, ovinos, caprinos, aves, suínos, etc) bem como todo o trabalho realizado pelo homem para cuidar, alimentar, transportar os animais, etc; representarão menos de 10% de todas as emissões de gases que contribuem para o aquecimento global. Números ingleses, pois em Portugal ninguém conhece a realidade existente.

Se a culpa fosse realmente das vacas a coisa resolvia-se depressa.

Alguém em Bruxelas, num gabinete climatizado, assinava um papel a decretar o fim das vacas, os apreciadores de carne de vaca deliciavam-se com últimos pratos dessa, a partir de aí, rara iguaria e as vacas acabavam (na Europa pelo menos) e o mundo estava salvo.

Senhor Reitor, a culpa é nossa, Sua, minha e deles. De todos nós. O nosso modelo de vida confortável, baseado nos combustíveis fósseis tem muito peso na emissão de gases com efeito estufa....

Aqui está o erro do Sr. Reitor. O seu papel devia se educar os seus pupilos para se encontrar uma solução.

Para que isso se realize, sugiro que se divulguem números com que as pessoas se identifiquem. Dizer que a electricidade tem um peso de 20% não diz nada, "eu gasto tão pouco compa-



rado com o mundo inteiro que a culpa não é minha".

E que tal dizer que:

- 1 post numa qualquer rede social emite tanto CO2
- 1 hora de internet emite tanto CO2
- 1 hora de aquecimento em casa emite tanto CO2
- 1 hora de carro emite tanto CO2
- 1 hora de avião emite tanto de CO2
- 1 minuto de uma torneira aberta em casa emite tanto CO2
- 1 Kg do nosso lixo emite tanto de CO2
- etc
-

Se todos sentimos que somos culpados talvez a coisa mude. E as vacas

já estão preparadas para as mudanças, afinal a culpa nunca foi delas.

.....

Não vivemos na floresta do capuchinho vermelho. É preciso viver plenamente. No campo na cidade. A culpa não é da criação dos animais, é principalmente da criação dos humanos em amontoados de caixotes vulgo cidades.

Um dia, o meu conterrâneo Afonso Duarte, enquanto estudante em Coimbra, foi assaltado e quando lhe perguntaram depois que providências tinha tomado respondeu estremunhado; - «olha, que fiz um soneto!».

Não sou poeta mas também estou indignado ...

AS PUPILAS DO SENHOR REITOR

Da mais alta e digna cadeira do saber
Na minha alma mater sempre respeitada
Desceram as palavras para menino ver
Que as pachorrentas pupilas eram culpadas.

Que o digno lente sempre repetiu a lição
Todos sabemos que foi, é, e assim será
Triste é quando se acrescenta na tradição
Saberes não provados, enganadores e quiçá

Bem vistas as coisas já cá andam há milénios
Oh pupilas que arcam com os maus ares do mundo.
O magnífico, eu e todos os restantes humanos.

Pelos outros noventa e tal por cento nada fazemos...
E de "mata-vacas" foi o lente cognominado
Tal foi o alarido gerado em torno dos bovinos. »

Muito bom!

As vacas do Nuno Cardoso, ficaram todas contentes.

Por um lado já podiam continuar a descuidar-se, que o Nuno estava com elas, por outro lado, como o Magnífico Reitor não as deixava ser comidas, podiam continuar a viver felizes à conta do Nuno, lá na quinta, tranquilas e sossegadas, olhando para as cegonhas e para o belo Mondego!! A única chatice era todos os dias meterem-lhes umas coisas nas tetas e não poderem finalmente estarem descansadas da vida!!

Estou sinceramente com o Nuno e digo-lhe "que uma andorinha não faz a Primavera"!!

Era só o que faltava, eu deixar de comer o meu bife, com ovo a cavalo!

Benditas vacas e..... bois!! Nada de discriminações, que é proibido por lei!!!

ARQUIVOS PÚBLICOS

Pedro Marçal Vaz Pereira

A Federação Portuguesa de Filatelia tem-se batido, para acabar com os ilícitos nos arquivos públicos e temos razão.

Quando documentos são desviados de um arquivo público, está-se a impedir que aqueles que querem investigar, fazer estudos e publica-los, não encontrem o material com a devida informação, para os seus trabalhos.

Entre a última Filatelia Lusitana e esta, que agora se publica, foram noticiados no jornal Público mais dois casos, relativos a material dos arquivos públicos, apreendido pela Polícia Judiciária.

Um tratava-se de um livro de actas do século XVII da Câmara de Penedondo, com 240 páginas, que se encontrava à venda por 1500.00 euros num alfarrabista.

O outro caso eram fichas de PIDE- Policia Internacional de Defesa do Estado, que apareceram em Vila Nova de Gaia e que se encontravam à venda no OLX.

Os investigadores estariam de imediato prejudicados, com a falta deste material, que devia estar nos arquivos públicos, onde todos o pudessem consultar.

Assim continuo a aconselhar os filatelistas portugueses, em especial os ligados à História Postal, a não comprarem material dos arquivos públicos, que não esteja certificado pela Federação Portuguesa de Filatelia, como vendido por esses arquivos públicos.

PJ apreendeu mais de 700 fichas da PIDE numa casa em V.N. de Gaia



Um livro de registos (em cima à esq.), o dossier de um agente da PIDE e mais de 700 fichas individuais

PJ apreende actas do século XVII da Câmara de Penedono que estavam à venda na Internet



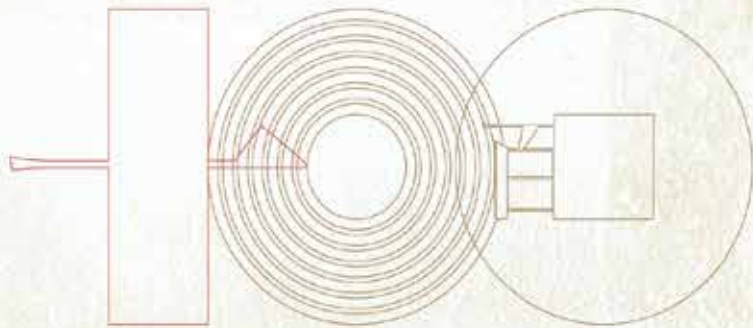
Documento manuscrito data de 1657 a 1662

收藏

澳門郵票

Coleccione Selos de Macau

Collect Macao's Stamps

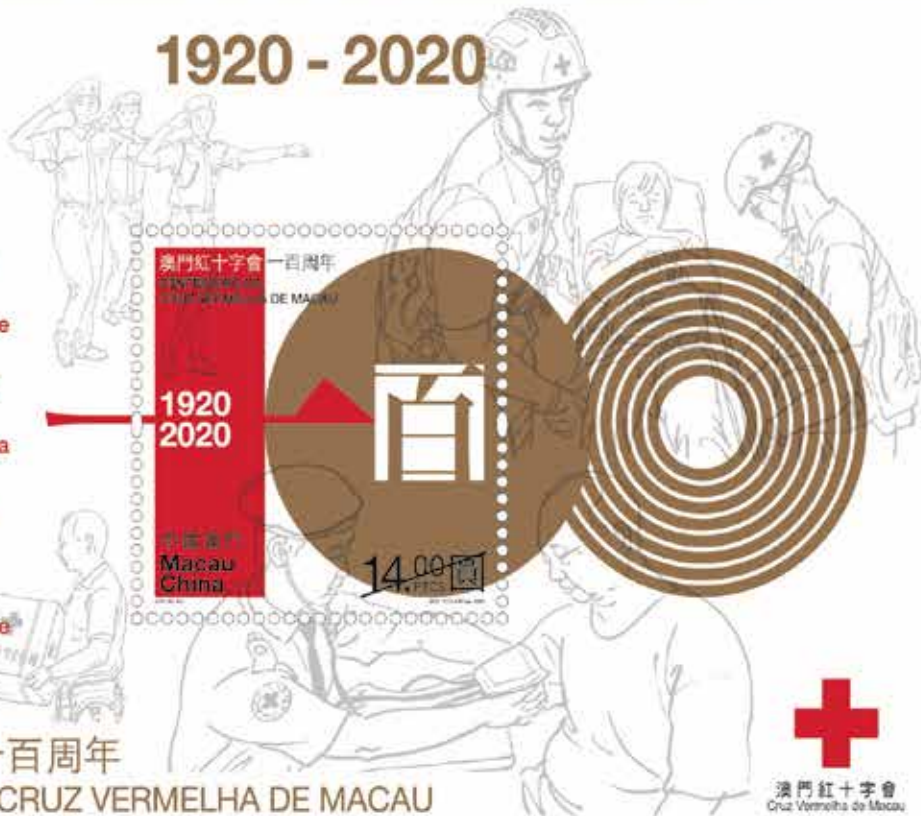


澳門郵電 CTT



1920 - 2020

- 人道 Humanidade
- 公正 Imparcialidade
- 中立 Neutralidade
- 獨立 Independência
- 志願服務 Voluntariado
- 統一 Unidade
- 普遍 Universalidade



澳門紅十字會一百周年
CENTENÁRIO DA CRUZ VERMELHA DE MACAU



郵報碼 QRcode



快分享到朋友圈
一起關注澳門郵票！

澳門議事亭前地 LARGO DO SENADO, MACAU

電話 Tel.: (853) 8396 8513, 2857 4491 傳真 Fax.: (853) 8396 8603, 2833 6603

電郵 E-mail: philately@ctt.gov.mo

網址 Website: <http://philately.ctt.gov.mo>



澳門郵電 CTT
Correios e Telecomunicações de Macau





LEILÕES P. DIAS, LDA.

LEILOEIROS FILATÉLICOS ❖ PHILATELIC AUCTIONEERS

AVALIAÇÕES | DESDE 1992 SINCE | VALUATIONS

RUA ANTÓNIO PEDRO, 46 - 2.º - P-1000-039 LISBOA - PORTUGAL

PHONE: 00-351-213 223 460 | 466 ❖ FAX: 00-351-213 433 274

<http://www.leiloespdias.pt>

geral@leiloespdias.pt ❖ admin@leiloespdias.pt ❖ teresadias@leiloespdias.pt



TRADIÇÃO EM PORTUGAL E COLÓNIAS

JOHN D. C. SUSSEX - H. SANTOS VIEGAS - EMB. JORGE RITTO

JOÃO VIOLANTE - MIGUEL FÉLIX COSTA - JORGE FÉLIX COSTA

CASTANHEIRA DA SILVEIRA - DR. GONÇALVES NOVO - ANTÓNIO OLMOS

M. SOUSA LOUREIRO - CAP. LEMOS DA SILVEIRA - DR LUÍS FRAZÃO

ROBERT L. HUGGINS - STEVE S. WASHBURNE - ENG. GODINHO DE MIRANDA

TRADITION ON PORTUGAL AND COLONIES